ramo Siderúrgico, Papel e Celulose e Auditoria de Sistemas. Desenvolveu e implantou diversos aplicativos para computadores de grande porte e smartphones. Leitor assíduo de autores de tecnologia, aprecia a natureza e suas diversidades. Contribui bastante para instituições filantrópicas. Gosta de música, toca guitarra, violão, teclado e baixo. É compositor. Ganhou festivais de música. Desde criança estuda, como autodidata, a ciência do universo. Especialista em softwares de sistemas operacionais, de automação e de inteligência artificial, estuda diuturnamente para o aprimoramento e evolução dessas ferramentas. É apaixonado pela álgebra booleana. É um grande defensor de disponibilizar essa álgebra para o Ensino Fundamental, junto da matéria de programação de computadores.

Saiba mais em:
editoraviseu.com

Em um mundo onde a realidade se entrelaça com a imaginação, aventura e mistério se encontram em um caminho inexplorado. No livro *Bell-Y*, embarque em uma jornada fascinante repleta de reviravoltas surpreendentes e personagens cativantes.

Conheça George e Clarice, indivíduos comuns que se veem diante de um destino extraordinário. Quando segredos ancestrais são revelados e poderes ocultos despertam, ele é lançado em um universo de possibilidades além da compreensão humana.

As forças ameaçam a harmonia do mundo, gerando o caos, que, por sua vez, gera o equilíbrio, eles terão que confrontar seus medos mais profundos e desafiar o destino.

Com uma narrativa envolvente e filosofias deslumbrantes, *Bell-Y* é uma obra que mergulha nas complexidades da natureza humana e nos mistérios que habitam além dos limites da realidade. Prepare-se para uma viagem emocionante por terras desconhecidas, onde o inesperado é a única certeza.

Esta é mais do que uma simples história; é uma epopeia de coragem, esperança e o poder transformador da imaginação. Embarque nesta jornada e descubra o que lhe aguarda nas páginas deste livro extraordinário, que nos mostrará a dura realidade da próxima civilização.

VISEU
ISBN 13: 978-65-25477-81-7
9 786525 477817
Saiba mais em:
editoraviseu.com

Belisario Retto de Abreu

Bell-Y

VISEU

Belisario Retto de Abreu

Bell-Y



VISEU



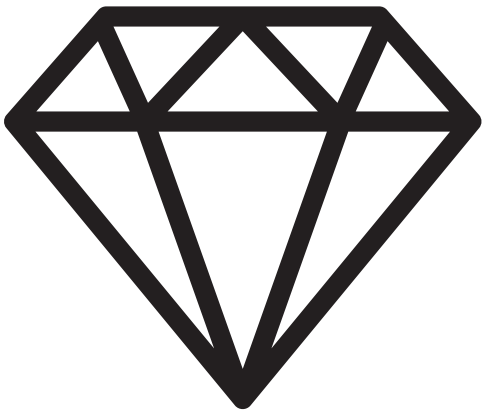
Belisario Retto de Abreu

Estudioso das relações humanas com a tecnologia, realizou várias palestras sobre o seu impacto na sociedade. Preocupado com o avanço das formas disruptivas nos sistemas até então em marcha, levando ao nascimento das grandes corporações denominadas "Big Techs", decidiu escrever esta ficção, que nos leva à reflexão de uma realidade bem próxima e que mudará radicalmente a maneira que pensamos o mundo. Diretor de Tecnologia da empresa Multiverso Digital, atua na área desde 1970. Formado em Administração de Empresas, Ciências da Computação. Trabalhou em várias empresas do



VISEU

Bell-Y



Belisario Retto de Abreu

Copyright © 2024
Belisario Retto de Abreu

EDITOR-CHEFE:	Thiago Domingues Regina
PROJETO GRÁFICO:	BookPro
COPIDESQUE:	Bruna Camolezi
REVISÃO:	Camila Bystronski de Lima Adrielle Bergamasco
CAPA:	Giselle Rocha
DIAGRAMAÇÃO:	Camilla Pestana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A145b

Abreu, Belisario Retto de.

Bell-Y / Belisario Retto de Abreu - 1. ed. - Maringá: Viseu, 2024.

154 p.

ISBN 978-65-254-7781-7

1. Literatura Brasileira. 2. Ficção. 3. Próxima civilização.

I. Abreu, Belisario Retto de. II. Título.

CDD B869.93

Catalogação elaborada pela Bibliotecária Cleuza Santos - CRB 9/1511

© edição, Viseu, 2024
R. Vereador Basílio Sautchuk 762 - CEP 87013-190 - Maringá/PR - Brasil

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19/2/1998). As opiniões emitidas bem como a integridade do conteúdo desta obra são de absoluta responsabilidade dos seus autores.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha esposa, Anita Teixeira de Abreu, e aos meus filhos, Rodrigo Teixeira de Abreu e Gustavo Teixeira de Abreu. Aos meus pais Antonio Alves de Abreu e Rosine Bragança Retto. Aos meus irmãos Sérgio de Abreu e Maria Regina de Abreu

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que, ao longo do caminho, ajudaram na minha formação, principalmente aos meus pais, minha esposa, meus filhos, avós, tios e primos. Agradeço, ainda, às pessoas que estiveram comigo nas escolas por onde andei, aos colegas de trabalho pelas empresas que passei, aos vizinhos das casas onde morei, aos amigos que tanto cultivei, aos músicos que ouvi e a Deus por existir. Agradeço, ainda...

Antônios, Rosine, Reginas, Sérgios, Marcos, Guiomar, Duartes, Maria do Céu, Fernandas, Adelaide, Arminda, Antônio Bragança, Lucinda, Marisas, Fernandos, Mirna, Mirim, Acácio, Márias, Eliane, Mara, Pedro, Maria João, Flávios, Márcias, Casão, Danilo, Lauras, Mauros, Marílias, Sônias, Edgard, Célias, Milena, Thiagos, Christiane, Vini, Vavá, Julius, Hot, Teresa, Piu, Luízes, Rafael, Geraldo, Gabriela, Brunos, Lucianas, Eduardos, Endi, Stepan, Rosana, Elizabeth, Kelli, Lucimar, Luciani, Striuli, Denis, Reinaldo, Romeu, Oscar, Vitor, Jacob, Nicola, Stela, Luigi, Celeste, Fred, Karla, Wilson, Axima, Fiuza, Nelson, Graça, José Luíz, Evaristo, Marcel, Mauren, Miriam, Humberto, Maria Lúcia, Gouveia, Dida, Nelson, Graça, Mariana, Adriana, Andressa, Enzo, Eunice, Larissa, Genésio, Alf, Sabrina, Selma, Daniel, André, Renatos, Rodrigos, Gustavos, Rafer, Robertos, Tânias, Marcelos, Guilhermes, Felipes, Diogo, Diego, Maurícios, Adrianos, Paulos, Marias, Samuel, Nadini, Gabriel, Heitor, Miguel, Roses, Alice, Helenas, Júlias, Dagoberto, Arnaldo, Juca, Vilma, João, Joca, Celestina,

Paula, Carlos, Gabi, Fernanda, Josés, Hermínia, Sueli, Joaquim, Armandos, Emília, Miriam, Ariovaldo, Sidney, Cleide, Maria Teresa, Maria Lúcia, Elza, John Daniel, Valtinho, Nilza, Murilo, Ademir, Wilivaldo, Cristinas, Iwakura, Nicanor, Ailton, Ciro, Nagib, Habib, Washington, Simões, John, Paul, Geoge e Ringo, Elis, Tom, João Gilberto, Chico, Caetano, Raul, Roberto, Civilizações, Ar, Florestas, Fogo, Oceano, Sol, Lua, Terra e o Universo...

SUMÁRIO

1. INICIANDO.....15
2. TRANSFORMANDO.....19
3. APRENDENDO 25
4. NO BURACO.....33
5. REGRESSANDO 43
6. ILUDINDO 45
7. ITANHAÉM 49
8. O SOFRIMENTO 73
9. NA PREFEITURA 93
10. NO PALÁCIO 95
11. O ENCONTRO 109
12. UM ANO DEPOIS 133

1. INICIANDO

Chuva torrencial na madrugada de domingo. Outono de 2075. Uma névoa densa encobria as montanhas da serra do mar, George empurrava seu carro até o acostamento da rodovia, ouvindo, dos que ali trafegavam, os mais intensos e delicados estímulos verbais que só os pecadores, abaixo do Equador, são capazes de proferir.

Irritado, concentrou suas últimas energias naquele declive, na tentativa de segurar o automóvel, que há muito saíra do estado de inércia, lançando-se contra o poste "SOS" estrada.

Observador como é, reparou que sua pasta ficara no meio da pista com todos os documentos e ações, deixando-o confuso quanto à atitude a ser tomada diante daquele quadro infeliz; chuva, neblina, palavrões, ruídos, o carro batido e quebrado e a mala na pista.

Naquela hora, desejou ao mundo toda sorte de sofrimento e angústia.

Tarde demais, o "SOS" estrada jazia debaixo do carro, e a mala recebia todo tipo de abraço sintético: desde os "*Pirellis*" até os "*Goodyears*".

Os papéis... Que desgraça! Retornaram ao estado celulósico.

Seu pensamento despia todas as imagens desagradáveis daquele quadro, na tentativa de compreender o motivo de tudo aquilo.

Será que a conspiração do universo havia iniciado e esquecera-se de avisá-lo?, pensava George.

Qual seria o verdadeiro motivo daquela sequência

de catástrofes executada com tanto sincronismo?

O raciocínio individual dos humanos e suas respectivas atitudes colidiam com a pregação da ajuda mútua, tanta gente e nenhuma solidariedade.

George, absorvido pelos pensamentos, foi surpreendido por uma grande explosão provocada por um motorista que jogou acidentalmente sua bituca de cigarro acesa debaixo do seu "ex-carro" justamente no epicentro do vazamento do combustível.

— Dr. Mesquita! — anuncia o alto-falante do Hospital Santista.

— Dr. Mesquita emergência, bisava o equipamento.

— Clarice, traga o paciente ao centro cirúrgico do terceiro andar, que já estou me preparando — declara, pelo Walkie-talkie, Dr. Mesquita à sua mais do que assistente.

Clarice, 24, quintanista de medicina, morena, alta de pernas esguias e torneadas por um excelente estilista genético, com seu avental, touca e luvas empurrava a cama-móvel pelo corredor até a porta do elevador que dá acesso ao centro cirúrgico.

Por mais que apertasse o botão de chamada do sobe/desce, os segundos de espera pareciam horas. George, desfalecendo na maca, murmurava e gemia de fortes dores no corpo, principalmente na região facial.

Clarice injetava no soro uma mistura de anestésico importado com um resto nacional, na tentativa de reduzir o sofrimento do seu compulsório paciente.

No quinto andar, a ascensorista, buscando atenção de um segurança e transgredindo sua função solidária, narrava sua experiência noturna que passara no sábado com um rapaz no Baile do Forró.

— Inesquecível... Jamais conheci alguém assim. Amanhã vou me encontrar novamente com ele e espero que seja tão bom quanto no sábado.

A descrição nervosa do encontro oscilava entre a responsabilidade de atender os chamados e a necessidade de sair do isolamento.

— Lídia, tenho que ir. O chefe deve chegar a qualquer momento, e não posso ficar aqui parado conversando com você. Se ele me pega... adeus emprego.

Clarice apertava desesperadamente o botão de chamada, e Lídia mantinha a porta aberta no quinto andar para escutar a conversa do segurança com o chefão.

Foi então que Clarice resolveu esmurrar a porta do elevador na tentativa de chamar sua atenção.

Quando o elevador se preparava para chegar ao segundo andar, local onde estava Clarice, a crise energética toma conta do hospital, e uma escuridão negra invade todas as instalações exatamente quando ela se posicionava para colocar a maca-móvel no elevador.

Em um impulso desconhecido e extremamente raivoso, Clarice empurra a maca contra a porta e, não se sabe como, ela se abriu, lançando George ao fundo do poço e ao final de sua trajetória terrestre.

Clarice, ouvindo o tremendo barulho provocado pela maca-móvel em queda livre e seu consequente impacto no fim do poço, começou a tremer e a suar frio, mas ironicamente veio à mente a esperança de o paciente ter sobrevivido.

Clarice era experiente em quedas, como *hobby*, fazia paraquedismo e já tinha visto muitas quedas piores do que aquela.

De imediato, uma visão do seu instrutor ocupa

espaço na sua mente, cantarolando o refrão do hino ao paraquedismo:

Um bom companheiro paraquedista,
Dista do chão quando no ar,
Mas quando o ar não o segura,
Dura queda vai encontrar.

A lembrança do hino, de certa forma, a reconfortou, e então decidiu, pela primeira vez, enfrentar o seu problema aliado à responsabilidade médica de averiguar o estado de George lá bem no fundo.

Inesperadamente, cruzou as mãos às costas, ajeitou seu "pseudo" paraquedas e lançou-se no buraco negro.

A sensação de leveza que jamais havia sentido tomou conta de seus sentimentos, toda angústia, medo, sofrimento e infelicidade que sempre a acompanhavam, como mágica, desapareceram.

Durante a queda, sentiu a real sensação de liberdade, e sua mente ejaculou pelo corpo cenas de imenso prazer, e a partir daí, compreendeu em analogia à espera do elevador que um segundo dessa sensação vale mais do que a vida em duração.

2. TRANSFORMANDO

Clarice se vê ao lado de George. Olha para si e, de imediato, compreende aquela sensação de paz indefinida e profunda, de tamanha leveza, que sua imagem, como em um holograma, se projeta de acordo com o seu desejo, despertando em si uma nova dimensão da realidade.

— O que será isso? — refletiu sua energia.

Como em um suspirar, uma série de imagens contínuas e logicamente dispostas se projetou novamente, induzindo Clarice a entender o processo da vida após a morte.

A sensação de leveza e de conforto, nunca em toda a vida experimentada, deixava Clarice à mercê dos acontecimentos.

Mais uma vez, lutava para entender aquela nova situação, na qual as imagens revelavam o sofrimento dos que, ainda vivos e prostrados, velavam e, ao mesmo tempo, como em um comportamento humano mecânico, entristeciam o ambiente onde o corpo de Clarice era exposto em reverência ao masoquismo humano.

Nada daquilo fazia sentindo, mas como nada fez sentido em toda sua vida, concluiu que o melhor para si, e pela primeira vez, era seguir aquele desejo insuportavelmente agridoce até a revelação final.

Sem hesitação, desferiu um raciocínio puro em que a vida é uma mera interpretação holográfica presa a uma conduta comportamental inversamente proporcional ao sentimento. Resumiu sabiamente que o que se quer e o que se deseja são a resultante do equilíbrio

entre o que se pode e o que se é.

Ser é o todo, ter é o lodo.

Essa incoerência no pensamento de Clarice cada vez mais era evidente.

Tentava fundamentar a teoria de Laquesse, nobre filósofo seu, que nunca existiu, mas que convivera com ela a vida toda, de que a vida era um fragmento do universo e que todos tinham um papel a cumprir, matando ou gerando, roubando ou doando.

Nessa fase, compreendeu que o equilíbrio das forças não podia ser desigual, e quando isso ocorria, um Juiz natural desencadeava algo incompreensível, restaurando os pesos na humilde balança.

Lembrou-se do professor de física, de que o equilíbrio dos corpos está na manutenção das forças: ora positivas, negativas e nulas.

O féretro marcado para as nove horas corria com religiosidade humano-teatral, em que alguns observadores discutiam a obviedade do evento sob o ponto de vista comportamental.

Nada mais do que um ambiente triste com sequências preestabelecidas no âmbito emocional do ritual.

Todos os que ali velavam tinham em mente o *script* sócio posicional que a cenografia ambiental lhes impunha.

Representar naquele cenário era nato e dispensava ensaios.

O comportamento era igual e de tamanho adivinho que até as crianças mantinham atitudes perceptivas e coerentes com o mais maduro mortal.

Clarice definitivamente energizou que o sentimento alheio ao cenário social é o verdadeiro pilar do

humano.

Edificou que a estrutura do ensinamento que obtivera jazia consigo e, por um instante, sentiu profunda angústia em ter vivido em um mundo clássico, onde a irreverência dos sabidos era tão morta e descabida quanto o que estava sentindo.

De súbito, a imagem da má vontade de ir à escola socializar, se comprometer, se entregar, se estabelecer, se encontrar, se revelar e se prostituir intelectualmente desencadeou uma epopeia de argumentos revolucionários totalmente contraditórios aos preceitos senis e molambos que apregoava o mais nasal algodoeiro filósofo pré-pentecostal.

De duas uma: ou o sistema se adapta à partícula ou ela desprende sua mais feroz energia, resultando na mais excêntrica explosão.

Toda confusão daqueles momentos, na clareza do espírito de Clarice, sinalizavam estar ela experimentando e se preparando para o ingresso em outra dimensão.

Toda base de conhecimento, sensações e experimentos colecionados por Clarice ao longo dos seus 24 anos foram organizados cronologicamente e projetados holograficamente em uma espécie de moldura gasosa, e, à medida que as cenas eram expostas, um intervalo negro era inserido entre elas, dando a impressão à Clarice de que tudo aquilo estava sendo apagado e excluído do seu domínio, reduzindo significativamente sua quantidade de energia.

Um estranho sentimento de fraqueza a dominou.

Toda a imagem de uma vida foi exposta em poucos segundos e eliminada simultaneamente.

Uma ruptura enorme do cenário se consolidou, trazendo Clarice definitivamente à outra dimensão.

Nela, a energia transitava entre os diversos campos ionizados destinados ao aprendizado quântico, onde o desequilíbrio e o caos eram variáveis importantes no modelo da sustentação universal.

A superficialidade e o profundo em uma análise convergiam em um único ponto, que tendia sempre a um imenso vazio.

Clarice aprendia a conduzir essa análise, de forma a se assegurar que produzisse um desequilíbrio nas forças, penetrando em um novo campo de ensinamento.

Dessa forma, conseguiu transitar, sorver e doar preciosos filamentos de energia, que, na troca, se transformavam em novas holografias, alternando as dimensões em uma total desorganização e ausência de lógica.

Dependendo de sua variação luminosa, a energia era aspirada e processada dentro do campo de ensinamento, produzindo formas diversas de cores que se intensificavam à medida que o discípulo absorvesse um quantum de luz.

Esse processo se manifestava em todos os campos de ensinamento, até que o mestre, fraquejado, fosse dominado pelo discípulo, produzindo uma enorme explosão, resultando na formação de um novo campo e no envio do antigo para outra dimensão.

Tudo naquele plano se transformava. O novo aprendia e o velho era liberado para uma nova missão.

A sensação de conforto e de identidade tomou conta do filamento de Clarice, que agora desfrutava de um privilegiado lugar no cosmo, irradiando poderosos faixo de luz, atraindo a curiosidade dos novatos.

Paralelamente a todos esses acontecimentos estava George, brilhando ao lado de Clarice — e é claro que um não sabia do outro.

3. APRENDENDO

Uma nova identidade foi assumida por Clarice, já que, nesta dimensão, o passado, que era a vida, jazia por completo, e o futuro, sem base nenhuma, se constituía apenas em ser não humano, mas divinamente "*star*". Uma linguagem dimensional de extrema lógica era o elo de comunicação entre as energias. A mágica era assumida sem contestação ou repulsa, simplesmente acontecia. A estrutura da linguagem era focada na dualidade das forças universais. Não havia força positiva sem a correspondente negativa. Tudo era par, binário e conclusivo. O verbo possuía duas pessoas, "I+" e "I-", e, é claro, os seus respectivos plurais. O tempo verbal era classificado em dois estados: Presente Energizado, com o sinal positivo, e o Negativo Presente, adicionando-se um sinal negativo entre a pessoa e o verbo. O filamento de George era, ao mesmo tempo, atraído e expelido pelo de Clarice, mantendo-se nesse estado de alta e baixa luminosidade de acordo com o fluxo e refluxo das forças dos dois campos. Utilizando-se da linguagem quântica, George tentou sua primeira comunicação com Clarice, que imediatamente entendeu e passou a responder às indagações do vizinho.

— Estou muito atraído por você — disse George.

— Eu também — respondeu Clarice.

— Você está anulando o meu desejo de liberdade — afirmou Clarice.

— Aprendi que a verdadeira liberdade está em outra dimensão. Não dá para perceber que estamos presos um ao outro e que nossa liberdade depende da anulação

das forças que nos cercam? — questiona George.

— Não sei ainda como fazer isso — responde Clarice.

— É muito simples, basta você atrair um novato, deixá-lo te consumir e aguardar a viagem para a dimensão que lhe falei — explica George.

— Como posso atrair um novato se acabo de debutar aqui neste lugar?

— Você ainda não percebeu que para se locomover nesta dimensão basta desejar algo ilógico que as forças politicamente corretas passam por um estado de desorganização tamanho, que o dispêndio de energia reguladora do campo é fortificado, sendo atraído por outras medidas quânticas? — reflete George, entusiasmado.

— Parece simples, para quem acabou de chegar — retruca Clarice. — O difícil é desejar algo ilógico. Desde os primórdios de minha energia, tudo o que aprendi foi estabelecer o desequilíbrio através da lógica, e agora vem você me pedir para que faça o contrário.

— Exatamente — concorda George. — Repare que esta dimensão em que estamos representa o "caos". É ele o responsável pela evolução cósmica. É o contestador universal obrigando os outros estados quânticos a perder ou reforçar energias em busca do equilíbrio. A diminuição de um campo gera em contrapartida o aumento de outro, resultando simplesmente na locomoção. Nesta dimensão, a missão é se mover ao máximo extraindo toda energia possível da confrontação entre o poder de uma partícula excitada e os diversos íons conformados. Aqui, o infinitamente pequeno pode tornar-se monstruosamente grande em um piscar de luz. Tome cuidado, pois a diminuição das forças desorganizadoras nos remete ao ciclo vital do qual

emergimos.

— Desculpe-me. Mas ainda não compreendi como retirar energia dos novatos — revela Clarice.

— Se você projetar o que restou daquele outro mundo holográfico, — explica George — perderá energia, e, com isso, compreenderá que a evolução é cíclica e definida como a exploração dos novatos. Quando você se reintegrou de forma física, naquela outra passagem que nos dá a oportunidade de conhecer a dor somática entre a forma e o espírito (forma de energia deles), teve oportunidade de ser simplesmente. Mas o que realmente aconteceu foi uma experiência entre a ficção do desejo e a realidade das forças condutoras e organizadas daquele portal. Os novatos dirigidos, acreditando serem condutores, acabavam, com o passar do tempo, conduzindo as debutantes a condutores. Nessa condução e direção dos novatos pelos velhos, jaz e nasce a raiz da mesmice humana. A grande missão daquele portal é a construção de modelos vitais baseados no poder de posse e destruição, em que a ilusão da evolução está centrada na quantificação material conhecida como riqueza. Um disfarce fenomenal aceito pela espécie é a anulação do instinto corpo espiritual. A nulidade se qualifica com base na projeção material. Ter e não ser é a máxima daquele portal.

— Ah! Estou começando a entender — diz Clarice. — Quer dizer então que lá é apenas uma passagem bestial e sem razão alguma?

— Isso mesmo — afirma George. — No momento em que nossa locomoção no cosmo é lenta e a absorção nos campos de conhecimento é nula, ou seja, nossa força é reduzida ao "mícron", aquele portal é o único

lugar do cosmo que nos recebe e nos reconfigura através da ejaculação de um microorganismo vital, que, durante um tempo conhecido como "a passagem", ficamos envoltos em um líquido nobre, cuja missão é reiniciar a zero nosso plano de ascensão cósmica. Por isso que, quando obtemos a forma física, depois da passagem, somos simplesmente. O objetivo dessa fase é o quanto você acumula de forças com vistas à desorganização. As forças reguladoras daquele holograma impõem ao passageiro a ilusão de que a organização é a máxima para se alcançar a plenitude e, no entanto, sem saber, desorganizam o sistema harmônico natural, inserindo elementos estranhos à composição primal daquela holografia.

"Lá, o conflito entre o ser e o ter é o responsável pelo acúmulo energético que nos remete onde estamos. Aqueles que foram e não tiveram não passam por aqui. Aqueles que foram e tiveram têm a graça de conhecer outros campos de aprendizado, e aqueles que não foram e só tiveram viram lixo cósmico não reciclável. Repare a paridade dessa conclusão. Só os que foram, nesse caso, "2", é que permanecem. O terceiro some, vira lixo, porque, no cosmo, a junção da paridade é a única capaz de produzir o "caos" responsável pela evolução. Aqui não existem terceiros. O terço é um sinal de fraqueza, em que a indecisão entre um e outro é delegada ao verbo divino. O verbo, por sua vez, emite ondas sonoras carregadas de "Íons" positivos e/ou negativos que iniciam sua longa trajetória através dos portais, na busca de uma força contrária e aderente capaz de inverter o eu sentido, devolvendo ao emissor toda carga energética que desejou. O destino,

como rotulam, nada mais é do que a conspiração dessas forças. Enquanto o indivíduo não compreender a sistemática do sistema homeostático, o ciclo se repete nas mais variadas formas de ser.

— Continua confuso — revela Clarice. — Acho que não dá para entender. Você está dizendo que aquele holograma é o início de tudo?

— Absolutamente — afirma George. — O conceito sobre início e fim é holográfico e particular, ou seja, o "caos" se manifesta quando o fim se aproxima exigindo um novo começo. O fim sempre será precedido pelo começo, que, por sua vez, será precedido pelo fim. Resolver é temporário, ser é absoluto. Aliás, o absolutismo é um vazio imenso. Dele se escolhe um começo e um fim. No entanto a lógica desorganizada produz novos conceitos que dão início ao fim dos velhos. Esse jogo de palavras faz parte do imenso jogo cósmico que, com sabedoria, nada sabe e está sempre aprendendo uma nova razão para firmar o teorema "vivendo e aprendendo", aliás, de cunho binário sem início ou fim. É o gerúndio verbal responsável pela desorganização. Nele, não há o sujeito. O sujeito é o cosmo.

— Espera um pouco — interrompe Clarice. — A tua conclusão é esta: a essência vital das forças não precisa de aprendizado. Quando você diz "Ser", está se referindo a elas, e quando diz "Ter", está se referindo ao "caos". É isso?

— Puxa! — desdenha George. — Você demorou muito para compreender que o "caos" é uma força motora do processo evolutivo, em que o ter espiritual, naquela holografia, se manifesta materialmente. É uma contradição positivamente cósmica. A paridade

material *versus* espiritual é exógena em relação ao ter em si, na alma e ao ser em si mesmo. A condução daquele portal é uma grande indução ao material. Uma disfunção nata provocada pelo "caos". Não é compreensível e muito menos arrazoada. A razão é a contramão da evolução. Ela é capaz de estabelecer um início e fim fictícios. Claro, para que haja outros fins e inícios, a razão deve ser fictícia. Ficção é a lógica do desconhecido baseada na projeção verbal, imaginária e ambígua, onde as forças do desejo se consolidam em imagens absolutas que, depois de excitadas, resolvem. Na resolução, novas ambiguidades e projeções verbais se manifestam, e, nessa manifestação, nova excitação e resolução. O ciclo é o mesmo desde o início e o fim, precedendo um ao outro. Enfim, a paridade é absoluta. Procure o seu par e seja. Evolua sendo e tendo para si a certeza incerta do "caos" organizado, que primará para induzi-lo à dúvida, que é a falta de opção entre isso ou aquilo, que, por sua vez, é binário, não conclusivo e transformador.

— Nossa, como essa dimensão é confusa — reflete Clarice. — Minhas forças estão se esgotando na tentativa de compreendê-la.

— Sua compreensão — mostra George — será maximizada quando ingressar no campo do conhecimento global, onde toda a força iniciante do universo faz o seu primeiro estágio, orientando-se para o processo evolutivo. Lá, a matéria atrai tanta matéria que a consumação é total, e a resultante é um enorme buraco negro que dá abertura para um novo holograma. Nesse holograma, estão dispostas informações preciosas sobre ciência e filosofia. É a grande "sala da verdade"

do Universo. Para alcançá-la, você precisará de muita energia extraída dos velhacos, libertando-os para uma nova dimensão.

Clarice, por um breve momento, sentiu uma grande ansiedade para se lançar ao tal campo do conhecimento global, mas sua energia estava debilitada, impossibilitando-a de qualquer movimento.

Toda a conversa com George, na tentativa de compreender esses novos conceitos, exigiu do filamento de Clarice muita energia, e agora aquele desejo de movimento não era satisfeito.

Clarice precisava encontrar um grande filamento, atraí-lo, aspirá-lo e, aí sim, desejar algo ilógico para movimentar-se.

Naquele instante, a única hipótese de Clarice era George.

— Agora você é capaz de identificar um novato? — indagou George. — Repare que sua luminosidade diminuiu. Estou aspirando-a desde o início, se é que assim podemos classificá-lo. Toda a sua revelação levou-a a um imenso vazio. Agora tenho certeza de que você é capaz de compreender o que estou tentando lhe dizer. Minha energia depende da tua. Ou eu te consumo ou você. A dependência é universal. Não há nada que possa desafiá-la. É a simples premissa da lei cósmica. A independência, palavra de junção binária, é resultante do processo da desorganização e é ilógica. O sufixo agregado à palavra visa introduzir a contestação dessa lei, objetivando o caos. A satisfação daquele mundo é rápida e fugaz, daí esse hiato entre nós. A consumação final é o início de uma nova dimensão e de um novo aprendizado coerentemente desorganizado. A energia

que ora extraio a remeterá àquele enorme buraco, lançando-a em uma nova dimensão, onde, depois de processada, toda a posse material obtida no portal primal é convertida em força negativa e subtraída da posse espiritual. Quanto mais negativo for o resultado, mais profundo será o seu mergulho, tornando-a menos iluminada e atraente. Contudo, e em contrapartida, você terá acesso ao holograma da verdade.

4. NO BURACO

O filamento de Clarice aos poucos e lentamente foi sendo conduzido àquele enorme buraco de aparência estranha e incompreensível e de uma escuridão jamais vista.

Na viagem, o filamento foi tomando forma circular e girando ora no sentido horário, ora nesse mesmo sentido, porém horizontalmente.

A velocidade de locomoção aumentava em progressão geométrica, na razão de 2 elevado à N+1.

(2, 4, 8, 16, 32, 64...)

O movimento circular, devido à alta velocidade, era imperceptível.

O filamento tangenciava o enorme círculo daquele buraco, procurando atingir a mesma velocidade de rotação dele, equilibrando as forças no sentido de orbitá-lo.

Uma vez em órbita, poder-se-ia visualizar sua profundidade infinita e os enormes conjuntos de buracos que compunham aquele estranho portal.

Era o "caos" absoluto e sem nenhuma leitura capaz de identificar o sentido da próxima etapa.

A fila de filamentos para ingressar naquele portal era enorme, possibilitando a todos presenciar o espetáculo luminoso, alternado de escuridões vazias, indicando a finalização do processo inicial da conversão energética dos filamentos que nele se lançavam.

Dependendo da massa quântica (MQ) obtida na equação (MQ=Tenho — Sou), o filamento, tal qual como dito por George, era aspirado por um

determinado buraco, irradiando muita luz ou simplesmente desaparecendo.

A vez de Clarice se aproximava, e uma enorme ansiedade cósmica tomou conta do seu filamento.

Seria esse o juízo final?

George havia dito que o final sempre era precedido pelo começo, portanto não havia nada o que temer, uma vez que filamento não teme.

Essa contradição aspirou Clarice, que ficou flutuando entre uma série de buracos até a finalização do processo de avaliação das forças, que culminou em uma enorme explosão luminosa, introduzindo-a a um outro portal, muito semelhante ao primal.

Um holograma gasoso surgiu à frente de Clarice, com diversas palavras dispostas em frases distintas, seguido alternadamente por imagens simbólicas totalmente incompreensíveis. A primeira delas dizia:

"Todo o universo é vivo."

"A vida é dependente."

"A dependência é cósmica e de transformação."

"A transformação é a passagem de um estado para outro."

"A passagem é o equilíbrio da desorganização."

"A terceira força desorganiza — Pai, filho e Espírito."

"O espírito equilibra."

"O equilíbrio é ambíguo."

"A ambiguidade é par."

"A paridade é binária."

"O universo permite apenas dois estados."

"Não há lugar para o terceiro."

"O terceiro desequilibra."

"O desequilíbrio transforma."

"A transformação gera a passagem."

"A passagem é a transformação de um estado para outro."

"A vida é cósmica e de transformação."

"Todo o universo é vivo."

"A vida é indivisível, dependente e perene."

Clarice compreendia que aquelas palavras indicavam um ciclo, talvez vital, de todo o Universo, mas ainda não entendia totalmente o verdadeiro significado.

Várias projeções foram se intercalando no holograma, revelando verdades absolutas, indiscutíveis e óbvias.

O filamento de George, por sua vez, trafegava à sombra de Clarice, que, ao senti-lo, indagou:

— George, não compreendi ainda, depois da passagem naquele buraco, o sentido daquelas frases.

— Sob o ponto de vista da ciência, — inicia George — o Universo é um imenso inferno, com enormes explosões nucleares e sempre em mutação. Já no âmbito etéreo da ignorância humana, é a casa de repouso de alguns privilegiados. Contudo é a paz absoluta. O processo de absorção e doação de energia que move o universo é extremamente relaxante. Fazer parte da explosão de um núcleo do átomo com vistas ao deslocamento para outras dimensões é inimaginável e incompreensível no portal primal. Não queima, não arde e o silêncio é astronômico. A velocidade é indescritível, e o tempo, inexistente. O universo está sempre em constante expansão e evolução. Assim como um animal que mata, para transformar massa em energia, alimentando sua evolução, o universo, conceitualmente, destrói para construir, transformando com

harmonia formas em energia e vice-versa.

Clarice registrava cada palavra proferida por George e, dessa vez, disse a ele que achava aquilo um enorme mistério, mas que a sensação, vivida por seu filamento, era idêntica ao que acabara de relatar.

— Essa é a grande ignorância dos humanos — zomba George. — A palavra "mistério" é atribuída sempre que a falta de conhecimento aparece. Muitos tentaram revelar os mistérios de milênios, no entanto só deixaram mais mistérios nas explanações, lei da transformação. A força do mistério é a terceira no universo. O desejo de encerrá-la é o motor da transformação e do movimento. Sua singularidade está em sempre completar a lacuna deixada pela ignorância. Toda atividade física, mental e intelectual desenvolvida no portal primal tem como objetivo a resolução dos mistérios. Por mais paradoxal que sejam as grandes certezas daquele portal, como o nascimento e a morte, foram também transformadas em mistério. A grande massa do conhecimento humano acumulada desde os primórdios, há milhões de anos, é infinitamente pequena e, de certa forma, com um alto grau de atrofia, se comparada à idade e quantidade dos mistérios. Assim, como o mundo holográfico é indivisível, onde uma pequena fatia contém o todo, e, se fatiarmos mais, o todo permanece nas fatias, e assim sucessivamente e infinitamente, cada descoberta é coroada de novos mistérios, que, por sua vez, geram outros mistérios, e assim sucessivamente. A cadeia dos mistérios, tal qual a do conhecimento, é transformativa e, portanto, evolutiva. É um ciclo sem um início e um fim estabelecidos. O fim da descoberta é o início de um mistério

que, quando descoberto, desencadeia novos mistérios. Por mais micro ou macro que seja uma análise, outros micros e macros lutarão por aparecer no campo das descobertas. Naquele portal, o saldo do conhecimento sempre será deficitário. Não há como anular a força motora da mutação. Haverá sempre muitas interrogações para uma única descoberta. Entender a simplicidade dessa poderosa força é descobrir o seu valioso papel na evolução do universo.

Clarice, imóvel, percebia a verdade daquelas palavras. Sua tenção se redobrou quando George disparou novamente, dessa vez sobre a vida:

— A vida não é apenas o ato de respirar. Estar vivo também não é presente de ninguém, nem mesmo uma dádiva dos deuses. A vida é um microrganismo multicelular dentro da cadeia da evolução cósmica, considerada na macro análise como bactéria nociva e, ao mesmo tempo, propulsora do sistema endógeno evolutivo do planeta. A desorganização e o desequilíbrio são funções quânticas delegadas aos seres vivos. Toda espécie tenderá a se organizar na tentativa de dominar e harmonizar o seu sistema. A terceira força, exógena, infiltrar-se-á, conspirando e quebrando a hegemonia sistêmica, gerando novos subsistemas que atuarão na ruptura da base de sustentação harmônica, trazendo aquelas forças novamente ao rumo evolutivo. A terceira força, conhecida como a grande perturbadora ambiental e responsável por catástrofes, nada mais é do que a corregedora do processo de mutação. Tem ela como objetivo principal, provocar o "caos", estimulando o cosmo a se reorganizar. Todo ser habitante do universo tem em si essa força invisível, denominada

pelos seres do portal primal como sensação. Essa força misteriosa que se manifesta em todos indistintamente é responsável pela desorganização das forças do equilíbrio, dando a sensação ao indivíduo de estar em um vazio angustiante. Os depressivos, os drogados, as sensíveis, as crianças e os artistas são os que mais experimentam a energia dessa força. Os espiritualistas são capazes de perceber sua presença e até mesmo, simbolicamente, ensaiar sua manifestação através da massa corpórea. Quando o corpo descansa, como no sonho, as forças positivas e negativas que mantêm o equilíbrio do indivíduo têm o seu menor valor energético registrado, contribuindo para que a terceira força se manifeste holograficamente através de visões por ela energizadas. O sonho é o registro vivo da manifestação dessa força. A sensação também se constitui na sua manifestação. A palavra, que é a expressão energética do pensamento, produz ondas sonoras que excitam o ambiente e viajam através do tempo, sendo interceptadas pela terceira força de alguns indivíduos, principalmente quando do sono. O som, um conjunto de partículas organizadas, e a luz se constituem na matéria-prima holográfica. O pensamento expressado pela real vontade é a energia responsável pela intensificação da terceira força. Querer é poder, é a expressão sintética do poder dessa força. A terceira força nos humanos é binária, isto é, o desejo e a vontade real são vias de mão dupla. A força emanada a terceiros volta na mesma intensidade, seja boa ou ruim. A terceira força é alimentada pela vontade e/ou pelo equilíbrio. Toda vez que um equilíbrio é registrado, a terceira força tem a missão de provocar o "caos", contribuindo para

o processo evolutivo, que é a busca do equilíbrio na desorganização.

Uma busca sem início ou fim estabelecido.

Clarice não acreditava que aquilo estava acontecendo.

George simplesmente se transformara.

Sua energia ficava cada vez mais forte à medida que ia se aproximando da saída daqueles buracos.

— Mas se a vida é como você diz, então a morte é apenas um estágio da vida? — questionou Clarice.

— A morte é uma viagem que a vida não pode ter e nem experimentar. Quando vivos, — continua George — os seres daquele portal experimentam o sofrimento da carne, através das doenças, e o da "alma", através dos sentimentos. O equilíbrio da energia corpórea com a da vida é sempre interrompido pela terceira força, que ora age no físico, provocando a mutação e a produção de defesas doloridas, ora na força vital, provocando um sentimento de angústia demasiadamente superior à dor sofrida pelo corpo. A terceira força será sempre vencedora nessa luta promovida pela força vital. A morte é o troféu simbólico dessa real conclusão. O momento preciso desse acontecimento se dá quando a terceira força absorve por completo a força vital. Não há como revertê-la sem a projeção holográfica manifestada pela vontade de rever o portal primal, vontade extremamente pequena diante da imensidão das outras dimensões experimentadas pelos filamentos resultantes da passagem do estado físico para o energético. Todo filamento nesse estado viaja pelo cosmo a uma velocidade superior à da luz, trocando energia com os diversos campos do conhecimento espalhados pelo universo. O sono é a experiência viva da morte.

O branco, a paz, a felicidade relatada por vários seres em estado terminal são a prova contundente de que a passagem é maravilhosa e indescritível. A dimensão a que submete os sonhos é a confirmação da existência dos portais holográficos, experimentados por todos os seres vivos dentro do micro, visão a que está classificada a humanidade celular. A morte é a fase de mutação dos estados das forças energéticas. Assim como o conceito científico da reprodução é meramente a fecundação de um óvulo, em que a paridade é ímpar, ou seja, é preciso um pouco da matéria do oposto para se gerar o terceiro no primeiro. A união física dos órgãos reprodutores da paridade macho *versus* fêmea tende ao surgimento do(s) terceiro(s), que representa a trindade e a desorganização para o processo evolutivo. As forças do "caos" exercem tremenda influência nesse processo, utilizando o gozo etéreo como isca à sua causa. No portal primal, o amor e o prazer se constituem na maior obra desenvolvida pela terceira força, na preservação e manutenção do continuísmo. O ilusionismo é um grande testemunho da existência do que estamos relatando. Receber um "espírito", ressuscitar ou ter a presença da imagem de um ser morto é factível quando a vontade desejada superar a dimensão real, provocando a ilusão, que, por sua vez, rompe a dimensão crítica, projetando e energizando holograficamente imagens ou sons distorcidos, com muitos filamentos brancos. A vontade tende ao equilíbrio. Consumá-la ou satisfazê-la será sempre via projeção. A terceira visão se manifesta no sono, na morte, na grande vontade (fé) e na ingenuidade. Os ingênuos e os de muita credulidade são os que mais experimentam esse fenômeno.

— Você está me dizendo que a terceira força que age entre a vida e a morte é o amor? Que coisa mais louca — despacha Clarice.

— Exatamente. A terceira força motora da transformação e desorganização. Sua intensidade é inversamente proporcional ao desenvolvimento, e a consumação é indutiva, corpórea e ambígua. Seu objetivo é a paridade no êxtase. O amor é reprodutor e breve. O terceiro é a resultante que desorganiza, separa e transforma. No ódio, está o seu equilíbrio. Sentimento reverso e intenso, que se manifesta em quem ama. O universo ama e conspira. O ódio paralelamente ao amor induz ao "caos", que é verdadeiro e natural. O amor também verdadeiro, organiza e equilibra. São forças idênticas de mesmo propósito, transformar e mover.

5. REGRESSANDO

Tudo ali era totalmente familiar ao filamento de Clarice, que, aos poucos, ia passando do estado energético para o gasoso, e depois para o líquido, infinitamente microscópico, que, ao se chocar com uma espécie de alcateia de "girino", fez vários deles saltarem por sobre uma membrana circular, onde todos furiosamente lutavam para rompê-la.

O líquido de Clarice, substância conhecida como DNA — Desorganização Natural e Ambígua —, como terceiro naquele conjunto binário, tinha a grande função de desorganizar aquela trilogia, fundindo-a em um par.

Para um "par ir" é preciso "três par", pensava Clarice, que imediatamente compreendeu todo o ciclo evolutivo e esclarecedor difundido por George.

O fim era precedido pelo começo.

Copular, lembrava Clarice, era um tritongo formado por "Co"nceber "Pu"ramente um "Lar".

Clarice viu ainda uma paridade ímpar no ato, lembrando dos girinos pulando.

A palavra poderia significar "Co", de cooperação, e "pular", de saltar na membrana.

Todo o significado da ciência, da filosofia, das artes, da religião e da sociedade estavam resumidos nessa simples palavra misteriosa e desorganizadora.

O componente resultante da prática dessa palavra motivou todos nós a buscarmos respostas à revelação do mistério da produção.

Produzir é gerar. "Ger", de germinar, e "ar", de vida.

O "V", de vida, representa a vitória, a paridade, dois traços unindo-se no vértice, um convite à posição copular e "ida", que induz a ir ao ato. O verbo depois do sujeito, pois não haveria verbo sem ele, daí sua condição de segundo de depois.

Clarice estava definitivamente convencida que tinha descoberto a razão de tanto mistério.

Fazer da trindade a paridade é desorganizar conceitos, incluindo no binário um terço que será rezado e rotulado como mistério.

O ministério, que atualmente é reconhecido como ministro do mistério, é a mais absurda das fecundações humanas.

O amor binário é a mais singular indicativa de ser.

O ter é a materialização desse singular, senão a palavra "meter" não significaria outra coisa além do seu sentido duplo, par e binário da concepção, que, aliás, se separarmos, entenderemos a conceituação de conceber.

6. ILUDINDO

Clarice acorda suada e muito cansada.

Graças a Deus não passou de um sonho, pensou, enquanto sua mão procurava pelo corpo de seu companheiro.

Eram 04h da madrugada de um sábado chuvoso, com muita neblina, que Clarice observava pela fresta da janela do quarto do hotel em que se hospedara.

O vento soprava com fúria, trazendo um ar frio sobre o seu corpo descoberto e desprotegido.

O quarto de paredes forradas com papel decorativo imitando madeira mogno contrastava com o branco do teto.

A cama era imensa e alta, dando a sensação de se levitar.

O sonho atormentava Clarice, que, imóvel, nem se apercebia que a chuva, agora mais intensa, entrava pela janela.

Qual seria o significado de tudo aquilo?, indagava a si mesma.

Dessa vez, parecia real, e ela conseguia lembrar de todas as imagens e sons.

Pensou em acordar seu marido para contar o que havia sonhado, mas ficou indecisa diante da profundeza do sono dele e de sua possível reação.

Tentou por várias vezes dormir novamente, sem resultado algum.

Resolveu então levantar-se e ir até a banheira preparar um banho morno e relaxante.

George, marido de Clarice, era um alto executivo

de uma poderosa empresa de informática americana, a "Bell Telecomunication".

Sua missão era instalar uma subsidiária no Brasil e estava viajando pelo litoral a procura de uma cidade que subsidiasse seu empreendimento, já que a política daquela empresa era aproveitar-se dos benefícios cedidos por países em desenvolvimento.

A escolha pelo Brasil, em primeiro lugar, tinha sido determinada em função do mercado emergente revelado por pesquisas encomendadas pela matriz, e em segundo, pelos baixos salários e enormes benefícios oferecidos pelos governos locais.

Hospedado no Guarujá, George procurava em Santos um imóvel disponível para fundar sua filial. A cidade tinha características e o perfil ideal para o empreendimento.

Situada próxima à São Paulo, com excelente qualidade de vida, Santos oferecia, além de seu enorme porto, toda a infraestrutura necessária para a condução da filial, além de excelentes recursos humanos.

O cenário era perfeito e se casava com as premissas da organização.

A empresa desenvolvia programas para automação de máquinas e equipamentos voltados para o segmento de telecomunicações.

George jamais viajava sem a companhia de Clarice.

Ela possuía um dom especial quanto ao tema conhecimento humano.

Era impressionante como ela era capaz de olhar para uma pessoa e imediatamente identificar sua personalidade, orientando e alertando George quanto a um provável relacionamento profissional.

Sempre acertava em suas previsões. George a usava descaradamente.

No caminho entre o Guarujá e Santos, George comentou com Clarice que às 13:00hs haveria um almoço em Itanhaém com o prefeito, o secretário de finanças e o presidente da câmara de vereadores.

Pediu, então, que ela dissesse ao secretário de finanças, quando fosse possível, que na próxima semana estariam, a convite do prefeito de São Paulo, naquela cidade, apresentando o projeto de instalação da subsidiária.

Clarice entendeu perfeitamente o objetivo de George, que, como sempre, blefava através de terceiros, obtendo vantagens para sua empresa.

Compreendia que se São Paulo queria aquela subsidiária, Santos faria concessões além do que já havia feito. Era um jogo muito conhecido por Clarice, que acompanhou George por toda a América Latina fundando subsidiárias.

7. ITANHAÉM

Itanhaém, a 60 km de Santos, era uma daquelas cidades em que o tempo se permitira um pequeno descanso.

Sua beleza singular residia na manutenção das formas arquitetônicas originárias do século XVI.

As imagens refletidas por aquele dia de sol escaldante tinham um frescor de difícil compreensão.

Talvez as enormes árvores da praça central conspiravam com a sabedoria, ignorando e anulando as radiações emitidas pelo astro-rei.

A sensação de calor intenso se transformava em um refrescante dia de outono.

Uma grande sombra insistia em proteger os cidadãos naquela praça.

O som e a brisa do mar a 200 metros da praça completavam aquele cenário interpretado por Clarice, que, ainda imersa nas razões do sonho, conseguia captar o fluído ambiental produzido com tamanha beleza, como em um quadro de Arruda Paes.

— Esta cidade possui uma energia mágica — comentou Clarice.

— Impressionante como a beleza se perpetuou — completou George.

— Lá estão os nossos convidados — avistou Clarice.

— Não se esqueça de comentar com o secretário de finanças — lembrou George à Clarice.

O prefeito, o presidente da câmara e o secretário de finanças aguardavam na entrada do restaurante, em forma de círculo, conversando e gesticulando

espalhafatosamente, de acordo com o manual de conduta política dos homens públicos.

A faixada da cantina era enfeitada com azulejos portugueses de fundo branco com desenhos em azul.

Um arco também na cor azul identificava a porta principal de entrada.

Do lado esquerdo, havia três janelas com "vitral" coloridos de motivos sacros.

As paredes internas eram de pedras rústicas dispostas umas sobre as outras, de maneira não uniforme.

O teto, extremamente baixo, revestido de palha grossa traspassada entre os caibros de sustentação do telhado, lembrava as enormes cordas do cais do porto.

O piso de paralelepípedo possuía desníveis muito acentuados, dando a impressão de que aquele imóvel fora construído às pressas sobre uma antiga rua.

As mesas de formas indefinidas sugeriam que a madeira "innatura" fora apenas envernizada, sustentada por pequenos troncos de eucaliptos.

A estrutura das cadeiras também era formada por pequenos troncos de eucaliptos amarrados por palha seca e revestidas com folhas de bananeira.

A cenografia, como em qualquer cantina da espécie, contava com enormes âncoras, remos, bússolas e timões espalhados pelas paredes, além de fotos antigas dos ilustres fregueses.

Os pratos de barro cru imitavam um peixe gordo que combinavam, sobre a mesa sem toalha, com os copos do mesmo material.

O que chamava a atenção eram os talheres. Todos de estanho puro com as extremidades niqueladas, lembrando os para-choques dos carros antigos.

Clarice adorava as coisas do mar, e aquele cheiro vindo da cozinha atormentava seu delgado estômago, que clamava por alimento.

Experiente nessas ocasiões, pegou imediatamente, um pedaço de pão e, sem qualquer constrangimento, passou-o sobre uma pasta elaborada com aliche, pimenta, óleo, azeitonas e maionese, minimizando seu sofrimento.

— Como é do conhecimento dos senhores — descreve George — nossa organização está procurando um local para instalar sua subsidiária aqui no Brasil, e para ser bem objetivo e ir direto ao ponto, gostaríamos de ter a aprovação das autoridades de Santos para nos instalar naquela ilhota da praia de José Menino, a ilha das cobras. Sabemos que isso depende da Marinha, e essa é a razão deste almoço. Nossa política é bem clara quanto ao relacionamento com militares, por isso estou necessitando dos vossos serviços para dar andamento ao projeto.

— Você me desculpe, ainda não tive a oportunidade de ler o projeto como um todo, mas estamos aqui justamente para discuti-lo — pondera o prefeito.

— Pretendemos construir naquela ilha 16 suítes de madeira e vidro, sem qualquer espécie de alvenaria. As suítes estarão dispostas em forma de "U", voltadas para o alto mar. Cada unidade será montada em estrutura de madeira com a frente em vidro temperado. Dentro, uma minicozinha com armário, geladeira, micro-ondas, forno e fogão, televisão, mesa, duas cadeiras, microcomputador, telefone, cama de casal e banheiro com hidromassagem. A divisão entre uma unidade e outra será de madeira. No centro do "U",

será construído uma sala de reunião com 28 lugares, uma piscina natural e uma biblioteca técnica. Tudo para deixar os 16 profissionais que trabalharão no projeto de comunicação Bell-Y com todo o conforto possível. A infraestrutura, como água, esgoto, eletricidade e telefonia deverá ser fornecida por via subterrânea, para não alterar o ambiente.

— Quer dizer que vocês vão confinar 16 pessoas naquela ilha? Não parecerá, aos olhos da população, uma "Alcatraz" de luxo? — indaga Rufino, presidente da câmara.

— Dependerá de como for vendida para a imprensa — explica George. — A ideia básica é dar todo o conforto e recursos necessários para que os profissionais desenvolvam em um ambiente com qualidade de vida. Ademais, o perfil dos verdadeiros profissionais dessa área é o do isolamento, solidão e descompromisso com horários. As pesquisas indicam a necessidade de um ambiente dessa natureza, já que eles sonham com um local com muito verde, lagos e isolamento. É claro que as esposas poderão frequentar o local. No entanto estamos dando preferência aos solteiros.

— Acho que esse tipo de projeto não vai dar certo aqui no Brasil. Acredito que essa permissividade de horários afetará o andamento do projeto, já que o nosso povo é meio indolente e folgado. Sem falar dos sindicatos. Nossa sociedade é do direito, não da obrigação. Posso estar errado, mas vai virar bagunça — contesta Cláudio, secretário de finanças, político de carreira e sobrevivente a todos os movimentos partidários.

— Nós já efetuamos algumas pesquisas com profissionais da região, e foi unânime a aprovação da ideia.

Os mais novos foram os que mais gostaram, indicando que há uma mudança de comportamento na sociedade, talvez invisível ao campo político. Uma outra questão da nossa pesquisa aponta os políticos da região em total decadência e descrédito. Fiquei impressionado com esse item, já que mostrou uma divisão bem clara e estruturada da existência de duas sociedades distintas. As dos políticos e servidores públicos e o "resto". Segundo a pesquisa, o "resto" é que ampara os servidores, e na ausência desse amparo, reside o perigo da extinção da classe pública, haja vista o enorme crescimento de entidades não governamentais no mundo todo. O termo "não governamental" é o ícone dessa nova classe, que solenemente desfila em paralelo à corrente política com resultados surpreendentes. Desculpe minha ousadia, é que o óbvio tem de ser praticado, e não discutido, já que ele encerra discussões em si mesmo. Não é do nosso interesse contrariar o desejo revelado pelas pesquisas, tampouco usá-la para ofensas. No entanto são os fatos expressos em opiniões que levamos em consideração.

— Talvez o Sr. não saiba, — argumenta o prefeito — mas nas últimas eleições, tivemos problemas com os institutos de pesquisas. Acredito que haja por parte deles um movimento antipolítico para desprestigiar nossa classe, toda pesquisa que se faz hoje no país sobre o assunto tem como resultante um grande descrédito por parte dos entrevistados. As ações da oposição têm influenciado em muito esses institutos. Tudo o que é do governo é ruim e precisa ser privatizado. Uma enorme campanha, vinda do teu país, está sendo responsável pela contaminação da nossa sociedade

acerca dos serviços públicos. Os interesses externos estão guiando nossa mídia, que, por sua vez, influencia o povo. Acredito que mais dois anos serão o bastante para ver o Brasil como uma imensa colônia norteamericana. A maioria dos nossos homens públicos é e sempre foi dirigida e financiada por grupos americanos. Esse domínio é muito antigo. Creio que a vossa pesquisa tenha refletido o que acabo de explicar. Repare na coincidência, vocês estão aqui pedindo favores aos homens públicos em troca de empregos e impostos. Claro que, nesse momento, é o que estamos precisando. Mas... convenhamos...

— O meu objetivo não foi ofendê-los, mas retratar a realidade mostrada por nossas pesquisas. Como o Sr. Acabou de dizer, nosso empreendimento gerará empregos e muito impostos para o governo local e federal. Esse nosso "*meeting*" visa encontrar uma solução na qual nossa subsidiária possa ser instalada de acordo com nossa política e ao encontro da vontade da sociedade local. Existe o interesse de nos instalarmos em Santos, caso isso não seja possível, procuraremos outro local. Nossa matriz em hipótese alguma deseja influenciar o governo local, apenas precisamos da vossa colaboração para solicitar à Marinha a liberação da ilha.

— George, você me desculpe, mas o seu projeto vai gerar apenas 16 empregos, e nessa proporção, será difícil algum órgão federal se sensibilizar. Sem menosprezá-lo, acredito que a vossa solicitação será negada. Como convencê-los?

— Muito simples, o projeto *Bell-Y* gerará uma receita anual equivalente aos orçamentos dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Será uma revolução

nas comunicações que provocará a quarta onda; no momento, não posso revelar o produto, por questões óbvias. Eu sei que a nível de empregos o número é desprezível, mas se for levado em consideração o que esses funcionários irão gerar de receitas, é extremamente convincente. O projeto, na realidade, envolve o Brasil, a Índia e a China. Simultaneamente nesses países estamos apresentando o mesmo projeto. A escolha se deve ao potencial humano e criatividade das pessoas, aliado ao baixo custo na remuneração. Cada país será responsável por uma parte do projeto, e sua junção, efetuada na matriz, resultará no novo produto, que, por sua vez, será comercializado pelos EUA e pelos países participantes, gerando receitas astronômicas. É claro que há o risco do fracasso, mas ele é muito reduzido. Mas podem ter certeza de que será uma grande revolução nas comunicações e transporte.

— O Sr. está querendo me convencer que apenas 16 pessoas são capazes de gerar receitas tão altas? É difícil de acreditar que isso seja possível. Parece brincadeira ou conto de fadas. Desculpe-me, mas não dá para acreditar.

— Eu sei disso. É muito difícil crer que uma receita nessas dimensões seja gerada por um número tão pequeno de profissionais. Posso citar algumas empresas americanas que, com pouquíssimos funcionários, geram receitas astronômicas. A Microsoft é uma delas. Se considerarmos a receita gerada per capita, essa é a maior empresa do mundo. Maior do que a General Motors. A indústria do *software* é a que mais gera receita per capita. Vou dar um exemplo rápido: suponhamos que o mercado brasileiro possua dois milhões

de computadores e que nossa empresa, em dois anos, consiga desenvolver apenas um único programa com os 16 profissionais.

Cada profissional custa, entre salários e encargos, cerca de US$ 8 mil mensais, então durante esse período, a folha de pagamento consumirá US$ três milhões. Agora imaginem que o programa seja vendido por US$ 50, preço médio, o total de receitas para o mercado será de US$ 100 milhões. Isso quer dizer que cada profissional gerou, em média, no período, US$ 6,2 milhões e consumiu US$ 187 mil, ou seja, para cada dólar investido, o retorno é de 33 vezes. Vocês conhecem algum produto que tenha essa capacidade de retorno? Os países em desenvolvimento não descobriram ainda esse filão. Estão preocupados em estabelecer e manter a segunda onda, industrial. Todos os investimentos nesses países são canalizados para a recuperação do passado. Renovação do parque industrial, proteção de mercado para produtos industrializados, ou seja, tudo para o *hardware*, enquanto o *software*, maior gerador de riquezas, é domínio dos países de primeiro mundo. O *software* embarcado, que é aquele encontrado na automação, em aviões, automóveis, máquinas e equipamentos, eletrodomésticos, alarmes, radares e satélites, entre outros, são produzidos por qual país? Como obter a soberania nacional sem primeiro obter a soberania do *software*? Como ser soberano sem uma indústria do *software*? Repare bem, hoje em dia, para onde você olhar, há um *software* embarcado de origem estrangeira. É impossível ser soberano sem esse conhecimento. Ser soberano no futebol, no samba e no carnaval tem uma relativa

importância, não vou negar, mas e o resto? Cadê o automóvel brasileiro, os seus cientistas e inventos, sua indústria genuinamente nacional, seus prêmios Nobel, seus sistemas de comunicação e segurança, sua economia e moeda, sua mídia genuína, sua indústria da arte e cultura? É uma nação totalmente estrangeira a serviço e sob o domínio externo. Desculpem expor a nossa visão e versão da realidade. Acredito que se o vosso governo não perceber essa enorme mudança e não investir pesado nessa onda, vocês continuarão sendo uma enorme colônia. Sinto-me extremamente ridículo tendo que expor essa obviedade, que salta aos olhos de qualquer cidadão. Um exemplo desastroso da vossa política foi a adoção de um sistema de educação que preparava os jovens para a subserviência, ensinava a servir, e não a empresariar, mandar. Não sou o dono da verdade, mas a leitura histórica é essa. Investem errado ou são dirigidos pelo investidor. Na semana passada, a título de curiosidade, estive no Rio de Janeiro, no BNDES, procurando linhas de financiamento para o projeto. A impressão que tive foi a de que os recursos existentes somente estão à disposição para as grandes corporações industriais. A média e a pequena empresa não têm como acessá-los. Para a indústria de *software*, não havia nada a não ser um projeto tímido chamado PROEX, destinado à exportação de *software*. Ri muito nesse dia, parece piada, mas é verdade, como é possível ter um programa para exportar sem antes ter um para desenvolvê-lo? É como se tivesse um programa para exportar fibra ótica sem, no entanto, ter uma indústria que a produza.

— O Sr. deve estar equivocado, confesso que não

conheço todas as linhas de financiamento do BNDES, mas se existe esse tal de PROEX, é porque já possuímos um grande parque industrial de *software*.

— Acho que nossa presença aqui responde a sua dúvida, e é claro que gostamos desse quadro e até incentivamos que ele assim permaneça, pois sabemos da vossa capacidade criativa. Lembro de que quando morei aqui ouvi um ditado popular que dizia "Deus dá asas a quem não sabe voar" e fiquei impressionado com a sabedoria popular. Vocês inventaram o avião e não foram capazes de produzi-lo. Tem o ferro, o manganês, o alumínio, o ouro e até mesmo o urano, e não souberam o que fazer com eles sem a ajuda externa. Somos, se assim posso dizer, um país totalmente dependente na utilização dos recursos naturais, embora os tenhamos todos.

Um silêncio interrompeu o quase discurso de George, que, fulminado pelos olhares dos convidados, deu lugar à voz de Clarice, que permanecia ansiosa com aquela conversa, observando, e até prevendo, o início de um incidente diplomático.

— Desculpem, mas acho que está na hora de fazermos o nosso pedido, estou faminta. O que os senhores sugerem para essa ocasião?

Imediatamente, o prefeito, tentando se livrar daquela conversa constrangedora, ensaiou uma breve descrição sobre o prato que tornara aquele restaurante famoso na cidade.

— Sugiro a Peixada a Brasileira, um prato típico composto por camarões, peixe, frutos do mar e pirão, acompanhado de entrada por casquinhas de siri. É um prato inesquecível. O tempero com certeza amenizará

nossa eloquente conversa e marcará, para sempre, aqui neste local, o ingresso santista nessa nova onda que com certeza embarcaremos, custe o que custar. George, se assim posso chamá-lo, está coberto de razões, e é o momento de lançar nossa cidade no cenário internacional via esse projeto *Bell-Y*. Que Deus, através das asas de George, insira nosso povo nesse voo eterno e perene, rumo à tecnologia. A partir dessa data, Santos declara sua independência colonialista, iniciando imediatamente a elaboração de um projeto de construção de um polo de desenvolvimento de *software*, financiado com os impostos gerados pelas receitas da empresa de George.

George ficou surpreso com a atitude imediata do prefeito.

Imaginava uma conversa dura, mergulhada em debates com solicitações tradicionais de políticos, tipo quanto seria o valor dos serviços, quais seriam as barganhas entre os governos.

Mas sentiu no prefeito uma sinceridade jamais vista nesse meio. Imaginou que a classe estava tão abatida e desprestigiada que via naquele momento uma oportunidade única em dar a volta por cima. Tinham assimilado rapidamente o potencial dessa nova onda. O prefeito levantou-se e, erguendo o copo com caipirinha, solicitou a todos um brinde à nova política, que naquele momento se instalara em sua mente, e, com muita eloquência, ditou:

— Atenção, todos os senhores aqui presentes, funcionários, patrões, clientes e turistas. Como prefeito de Santos, peço a atenção dos senhores por uns poucos minutos.

O silêncio foi instantâneo, e os olhares passaram de imediato para aquela figura franzina, que, de pé, falava em um volume audível até mesmo na praça Narciso Andrade.

Imediatamente a notícia se espalhou, atraindo para as janelas da cantina vários rostos de cores diversas.

A rua inteira, como mágica, foi tomada pelos pedestres.

Parecia que todos ali esperavam o messias, e esse era o dia de sua chegada.

Clarice sentiu um enorme arrepio, estremeceu na cadeira e passou a bocejar com muita frequência.

Sabia que ali aconteceria um momento mágico, e o sonho veio como que instantaneamente.

A excitação era enorme. Clarice não conseguia se conter.

De repente, o prefeito se agigantou. Sua expressão de paz e olhar sincero irradiaram para fora do ambiente um filamento de luz azulada que, perpendicular aos raios do sol, desenhava um triângulo, cuja hipotenusa se formara na capela do século XVI no centro da praça.

Os sinos do convento no alto do morro, que há muito tempo não emitiam som algum, rangiam desesperadamente, em busca da original frequência sonora.

Estava para acontecer, naquele local, o milagre de Itanhaém.

Clarice fitou seu olhar em uma foto muito antiga disposta na parede da cantina, e, não sabe como, um desejo terrível fez com que ela se levantasse, e imediatamente todos no recinto a imitaram.

Na foto, um casal com roupas esquisitas, e ao fundo o mar, o céu e alguns barcos. Em um deles havia uma

inscrição que dizia: "O terceiro desequilibra". Clarice ficou imóvel.

Aquela frase tão latente em seu sonho estava ali, diante dela, sem nenhum significado aparente.

O suor e tremores apoderaram-se do seu corpo.

Quando se virou, viu, em câmera lenta, todos os rostos se dirigirem para a capela da praça, contemplando aquele enorme triângulo de cor azulado se abrir e, aos poucos, transformar-se em um embrião e depois sumir. Clarice estava atordoada.

A foto, a frase, o sonho, o triângulo, o embrião e o prefeito. *O que está acontecendo?*, refletia.

— Sou o motivo vivo da transformação política deste país. Aqui neste local, e com o testemunho de todos os que me ouvem, declaro: o início de uma nova era, a independência de uma cidade colonialista, a implantação de um novo sistema de governo, a transformação dos setores improdutivos da sociedade, a reformulação total dos tributos, a simplificação, inovação e modernização dos sistemas e uma nova educação. Estamos cheios da política e de nós mesmos, os políticos.

Em uma pausa e silêncio profundo, o prefeito passa a olhar nos olhos de cada cidadão.

A magia daquele olhar se revestia no dom modificador.

O rosto do prefeito foi empalidecendo até o desmaio.

Correria e gritos histéricos tomaram conta daqueles instantes.

As cidades vizinhas já tinham notícia do fato, e, imediatamente, não se sabe como, jorravam repórteres nas calçadas daquela minúscula praça.

O trânsito, engarrafado desde a Manoel da Nóbrega,

impedia a passagem de qualquer veículo. Ninguém saía ou entrava na cidade a não ser a pé.

O milagre de Itanhaém tomava proporções indescritíveis.

Clarice e George davam assistência ao prefeito, que, moribundo, não entendia nada do que estava acontecendo.

O secretário de finanças e o presidente da câmara agiam como segurança do prefeito, evitando que a massa entrasse na cantina.

Uma tropa de choque da polícia militar e um carro do corpo de bombeiro chegavam ao local, a fim de conter as pessoas que, na ânsia de prover sua curiosidade, aglomeravam-se perigosamente.

George percebeu que havia uma porta nos fundos da cantina e, sustentando o corpo do prefeito com a ajuda de Clarice, se dirigiu para fora do restaurante, deparando-se com uma velha linha férrea existente no local.

Clarice sugeriu a ele seguir o caminho à esquerda, apontando para o morro do convento.

Nesse momento, um senhor aposentado e um vendedor de churros que haviam percebido a manobra de George ofereceram ajuda naquela empreitada infernal: subir o morro do convento.

Com muito esforço e revezamento, conseguiram acomodar o prefeito em uma cama existente no primeiro andar do convento.

A irmã Carmélia, responsável pelo local naquele dia, imediatamente emprestou seus serviços àquela causa, trazendo um copo de água com açúcar e solicitando ao menino Pedro, ajudante, que pedisse à Polícia Militar

para interditar a entrada do convento e chamar o padre Leôncio.

A noite de sábado caía sobre a praça. Clarice, lá de cima, observava aquele formigueiro composto por uma multidão compacta e assustadora.

Tentava associar os fatos ao sonho intrigante que tivera na madrugada passada.

A foto, a frase, o prefeito e o triângulo que se transformara em um embrião. A dificuldade de Clarice em identificar a linha lógica dos acontecimentos a irritava e, ao mesmo tempo, a confundia.

Tinha a impressão nítida de ter vivido aqueles momentos em alguma outra dimensão.

As barracas de artesanato que enfeitavam a praça já não eram mais visíveis lá de cima, tal era a aglomeração. Um vento fresco, e às vezes gelado, penetrava nos poros de sua pele, irradiando arrepios pelo corpo desprotegido.

Repentinamente, um enorme clarão surgiu sobre a praça, anunciando a chegada da tempestade que se avistava no horizonte daquele mar agitado.

Os primeiros pingos de chuva não foram suficientes para mover aquela massa de pessoas. À medida que a chuva aumentava e que os relâmpagos iluminavam a praça, mais e mais pessoas se aglomeravam.

Clarice sabia que aquele fenômeno natural seria associado ao milagre. *O que havia naquele encontro de três pessoas com George?*, ela se questionava.

Uma figura enorme vestindo saia preta vem ao encontro de Clarice, que imediatamente, sob a forte chuva, percebe a silhueta de um padre, talvez o Leôncio.

Usava sandálias sem meia, barba e cabelos longos,

suavemente desorganizados. Aqueles olhos negros profundos, contornados por uma olheira identificadora dos amantes da leitura, percorriam o local como uma câmera na mão de um profissional, registrando todos os detalhes, que só um ser sensível poderia descrever; fitou-a profunda e intimamente, provocando em Clarice uma timidez única.

— Olá, menina! Quanta água para quem não precisa. Acho que São Pedro, devido à sua idade, está sofrendo de miopia.

Um sorriso tímido contorna e comprime a face juvenil de Clarice. Aquele padre a deixava inquieta. Tinha um olhar confortante que invadia sua intimidade.

A sensação doque aquela figura transmitia só se comparava ao primeiro ano de sua adolescência, quando provou pela primeira vez o beijo e o amor, exatamente nessa sequência. Tentava, em vão, repudiar os pensamentos que surgiam à sua revelia. Lutava internamente, sem sucesso, para que aquilo cessasse.

— Oi, padre. O pessoal está lá na capela aguardando sua presença.

Clarice percebeu que, repentinamente, aquele padre desejava algo que, por alguma razão, não conseguia comunicar, apenas fitava-a.

— Quem precisa de mim é você, que está aí se molhando nessa chuva fria sem nenhum sentido. Vamos para dentro, que Carmélia irá preparar um chá bem quentinho.

Leôncio lançou seu braço sobre o ombro de Clarice, em um gesto de intimidade paternal, trazendo à tona naquele abraço lembranças de sua rápida infância.

Como é indescritível a sensação de um abraço

inesperado. Parece que uma energia renovadora se instala no corpo hospedeiro daquele afeto, refletia Clarice.

A ligação afetiva pelo padre estava selada. Clarice sentia uma ternura profunda com o sujeito da ação. O contato inesperado despertou nela emoções só experimentadas na adolescência.

Queria que o abraço fosse eterno. Pernas trêmulas, respiração ausente, batimento cardíaco acelerado. Não havia saída. Despertava uma jovem Clarice. Descoberta casual sem explicação. Não há justificativa para os sentimentos. Eles acontecem e pronto. Tão simples quanto a formação do universo.

Nesse momento, tudo é possível, e o mundo é maravilhoso. O amor, de uma forma ou de outra, acontece, não é convidado. É implacável e sem definição plausível. Não há segunda chance. A manifestação é única. O amor não pode ser arrazoado. Só vivido, experimentado.

Não há laboratório no universo que seja capaz de reproduzir com exatidão a desorganização que ele provoca.

Todas as canções elaboradas pelos poetas tentam até hoje defini-lo e encerrá-lo. Cada um é um e sente segundo sua unidade. Enfim, é único.

Ela finalmente se rendera. Aquela afeição segura e honesta de um simples gesto a transformou. Clarice, enquanto corpo, era um só prazer e... aterrorizante, previa sua razão. Como impedi-lo?

Aquilo era incontrolável. O momento foi tão intenso que a razão, desconcertada pelo fato, esqueceu-se de avisá-la sobre a batina.

— Minha filha, talvez você não entenda o que vou

lhe dizer, mesmo assim vou tentar ser breve e direto. — Leôncio e Clarice caminhavam em direção à capela, mas seus passos, em direção oposta, conduziam aqueles corpos sem sentido em círculos pelo jardim, sob a chuva, agora mais fina e rala. — Um triângulo, símbolo da trindade, tem na sua base a organização ou o equilíbrio dos seus dois lados opostos. A base de sustentação do triângulo é qualquer um dos seus três lados. Dessa forma, podemos girá-lo, que sempre um dos lados o sustentará. Porém se tentarmos sustentá-lo por um dos seus três vértices, o equilíbrio se manifestará. Ele é o único símbolo capaz de representar a união. Repare que todos os lados do triângulo se comunicam entre si, ou seja, mantém contato um com os outros dois. A figura ou a simbologia desse desenho geométrico é a forma de abreviar a relação da mutação cósmica. Repare também que a união de dois triângulos, portanto seis lados, que é o número da "besta", forma um quadrado ou retângulo, que, nesse caso, um dos lados é absorvido e sobreposto, dando a impressão do que era seis virar cinco. Nessa representação, a noção passada é que da união pode-se extrair uma perda, quando o conceito básico e elementar da união é o ganho, ou melhor, a união é geradora, e não destruidora. No entanto se retirarmos o segundo triângulo que representava o quadrado ou retângulo, teremos novamente os seis lados visíveis ou dois triângulos, mostrando que a desunião une. Ainda dentro dessa representação, a união de infinitos pares de triângulos gerará apenas um quadrado ou um retângulo.

Porém a desunião de um quadrado gerará infinitos pares de triângulos. O macro e microcosmo se

comportam dessa maneira.

A luz que acabamos de presenciar naquela praça é o sinal da sincronicidade. Simplesmente os raios solares que penetraram nas nuvens carregadas refletiam na capela da praça em forma de triângulo, um fenômeno normal e natural como o arco-íris. O cenário, no entanto, coincidiu com o momento do discurso inflamado do prefeito, unindo na mente das pessoas os fatos naturais ao fenômeno. Dessa forma, o triângulo, pessoas, prefeito e fenômeno se concretizaram pela sincronicidade.

Clarice, envolvida na explanação de Leôncio e na delícia daquele abraço, não se apercebera o quanto havia andado em círculos no jardim e se perturbava com o sonho, os acontecimentos na praça e o padre, que lhe revolucionara os sentidos regredindo aos afetos juvenis. O braço sobre o seu ombro de alguma forma a relaxava, deixando-a em uma paz absoluta. Desejava estar na posição fetal acalentada no calor e perfume exalado pelo santo corpo.

O padre continuava sua explanação de maneira mais contundente, de forma a manter Clarice imóvel e observadora.

— O triângulo, portanto, — insistia Leôncio — foi uma manifestação natural de refração da luz, entendida e compreendida pela física, porém de difícil assimilação humana.

— O Sr. está querendo me dizer que os milagres surgem dessa ignorância? — Clarice queria obter mais informações daquele homem, que despertava um interesse acima da compreensão.

— Não... em absoluto. Quero dizer que o que

presenciamos foi uma manifestação cósmica da desorganização.

Clarice, ao ouvir aquelas palavras, ficou paralisada e tentou, em vão, produzir sons pela boca, sem êxito. O padre com certeza fez parte de sua vida em algum momento não identificado, somente sentido.

Leôncio, nascido no Brás, em São Paulo, teve uma vida díspares entre a covardia de assumir uma identidade e a verdade de sua essência.

A sua fraqueza era revestida de estudos sociais e de análise transacional. Compreender o que se passava com ele desde a infância o tornara o peregrino das religiões. Foi budista, espiritista, muçulmano, hindu, hippie, diletantista, carmelista, ufólogo e ateu.

Procurava respostas para sua incompreensão. Sentia, desde pequeno, que todo mundo representava, menos ele. A boçalidade humana o excluía do meio. Não compreendia o fenômeno do conhecimento *versus* posse. Por que "ter" era mais importante do que "ser"?

A materialidade superava a percepção. A reunião entre pessoas de negócios cingia seu cérebro, como um encontro de entidades não resolvidas e absorvidas com a vulgaridade material. O desejo deveria, naquele cenário, se manifestar na matéria. O valor espiritual atuava naqueles fantoches, como que brincando de faz-de-conta.

Todos naquela roda estavam excitados e divagando conceitos tênues e sem causas. Tudo era fictício. Nada de produtivo resultava daquelas reuniões.

Cada decepção o deixava fortemente suficiente para embarcar em uma nova religiosidade. Leôncio oscilava entre a verdade sensitiva e a representação maquineísta.

Aquele círculo de pessoas induziu-o à figura do suicídio espiritual assistido.

Imaginava que a lacuna deixada pela ignorância humana era preenchida pela abstrata palavra "Deus". O inexplicável era da responsabilidade de "Deus". Como se Ele fosse o senhor do universo e construtor de todas as coisas, inclusive das respostas dúbias.

Se eu não sei, "Deus" sabe, se Ele não souber, eu invento.

A realidade religiosa de Leôncio era maior do que a existência do buraco negro. Tentava compreender e responder a si mesmo o quanto de verdade existe na ciência humana.

Chegava até a admitir a enorme mentira cósmica que é o humano. Em toda a sua peregrinação, encontrou desafetos e inconformados que quanto mais sabiam, mais enriqueciam a ignorância. Sempre uma lacuna e um mistério encerravam as explicações. Mas sua busca pela identidade "una" era incansável.

Clarice e Leôncio, de tanto andar, perceberam estar debaixo da capela, no andar inferior, que resiste ao tempo de longa data.

— Padre... o nosso encontro, não sei por que, tem a ver com o meu sonho. Eu sei que da mesma forma que não entendi sua aproximação, agora compreendo suas palavras. Acho que o conheço de algum lugar. — Desesperada, tenta descobrir uma pista e continua filosofando. — Parece uma loucura, mas a verdade é que uma grande mutação está para vir, e nós estamos fazendo parte desse processo. Gostaria muito de conversar contigo sobre esse sonho, mas ainda preciso me livrar de vários preconceitos que tenho em função da

minha educação médica. Fui treinada a acreditar no real e na massa corpórea, no entanto percebo o quanto é pequena essa crença e preciso urgentemente revê-la. Acredito ainda que o momento temporal inexiste sem uma razão plausível. O nosso condicionamento induz à uma reflexão incerta sobre a certeza dos eventos. Minha mente tende a absorver toda sensação desse momento, mas uma desconfiança paira entre a razão lógica e a minha uniformidade educacional. Meu condicionamento para servir é induzido pela dó do semelhante. Minha cura está no transplante emocional, entre o sorriso do ajudado e o conflito e insegurança do ajudante. Como não consigo ajudar-me, transfiro essa incompetência para o próximo, que, nesse palco, aceita essa inversão. Transgredir, para mim, é transformar. E se o triângulo se sustenta, o desequilíbrio me movimenta. Não quero complicar, mas por que tudo o que é simples se torna difícil? Onde está a felicidade perene? Chego a pensar que o sofrimento é a razão dessa vida, conquanto a felicidade seja momentânea. Para se provar um, é preciso ter o outro. No entanto quando se tem a prova em si, basta para um novo devaneio, que, por sua vez, remete ao início do ciclo da insatisfação meramente inexata e confusa. Nossas vidas se confundem na confusão da vida. Chego até a imaginar o tipo de bactéria que somos. Nunca estamos satisfeitos! No entanto a esperança e os sonhos nos movem nessa mesma direção, que é singular quando alcançada. A dificuldade na obtenção de um prazer ou satisfação material é motora na evolução. O movimento é a função que nos leva de um desejo ao outro.

Quando um se encerra, outro aparece.

Clarice desconhecia o passado de Leôncio, mesmo assim, aquela figura havia irradiado algo de tamanha confiança que suas palavras saíram sem qualquer constrangimento.

— Venham, o chá já está esfriando — convidou irmã Carmélia, lá do alto.

No salão ao lado da capela, havia uma mesa preparada com bolachas e chá, e ao seu redor, estavam sentados o prefeito, totalmente lúcido, George e o secretário de finanças. Clarice e Leôncio se sentaram à cabeceira, e a apresentação ficou por conta da irmã Carmélia, que introduziu o padre naquela miniceia.

— Aquele seu discurso foi realmente sincero e de um impressionante vigor. Acredito que o senhor o fez em forma de desabafo — despachou Leôncio ao prefeito.

— Honestamente, até agora não consegui entender minha atitude. Acho que a pressão que estou vivendo me levou àquela cena. Ainda estou tentando me recuperar dos acontecimentos. Jamais acreditei naquilo que disse e, no entanto, nunca disse algo com tanta certeza. Deve ter sido a caipirinha — disse, aos risos e gargalhadas.

— Se você me permitir, — interrompeu George, olhando para Clarice — preciso voltar ao Guarujá, pois amanhã bem cedo devo estar em São Paulo, me reunindo com o assessor do prefeito. O assunto os senhores já devem saber.

— Fique à vontade — declarou o prefeito. — Também já estamos de partida, nesta quarta-feira, lhe enviaremos uma resposta formal ao seu pedido. Ah...

e desculpe toda essa confusão.

Leôncio imediatamente escreveu em um pedaço de guardanapo seu endereço e telefone e, discretamente, o passou à Clarice.

— Obrigado, padre, entrarei em contato assim que puder.

8. O SOFRIMENTO

A silhueta de Clarice sentada, ainda com os seios rígidos, pernas longas e torneadas, sem nenhum defeito aparente, incomodava e ao mesmo tempo dava orgulho àquele homem. *Ela não envelhece nunca*, pensava, *o que será de mim daqui a 10 anos? Será que vou aguentar e corresponder?*

— Vou tomar uma ducha e depois vamos até a praia, que eu quero me bronzear um pouco — comentou George, vaidosamente.

Aquele domingo se predizia especial. Primeiro, pela manhã magnífica e extasiante, segundo, porque teria um dia de paz somente para observar e relaxar diante da imensidão oceânica à disposição de qualquer mortal.

A alegria que sentiu quando pisou na areia da praia trouxe à sua mente imagens de sua infância, de quando seu pai o levava à Itanhaém.

Um velho "Ford-bigode" descia a Serra e, em um esforço tremendo, de longas horas, aportava naquela cidadezinha mágica e misteriosa. Itanhaém trazia lembranças magníficas.

A felicidade reinava nas faces de todos aqueles que ali se reuniam.

Não havia mau humor e nem correria. O dia era absoluto, e o tempo, real. Tudo era observado e sentido.

— Meu Deus! O que é isso? — George agachou-se e viu um pedaço de metal espetado em seu pé esquerdo.

Parecia a ponta de um pequeno arpão, todo enferrujado encravado entre seu dedão e a sola do pé.

Desesperado, em uma reação indescritível e momentânea, puxou com toda sua força aquele objeto, chamando por socorro e, ao mesmo tempo, correndo para o mar, a fim de estancar e lavar o ferimento profundo.

A dor era insuportável, e a ardência resultante do contato da ferida com a água salgada deixava George torpo e prestes ao desmaio.

Clarice estava longe daquela cena. Gostava muito de andar pela praia, e a essa altura, tinha caminhado mais de três quilômetros do ponto onde George se ferira.

Um caiçara, que naquele momento preparava sua pequena rede de pescar siris, observou e entendeu a súplica daquele homem que gritava insistentemente indo ao seu encontro.

— O que foi, meu senhor? Calma, calma, vou ajudá-lo.

Seu Jomar, como era conhecido, viu aquela poça de sangue emergindo da perna de George, compreendeu o que estava passando e imediatamente o posicionou em seu ombro, retirando-o da água.

— Nossa, o ferimento é profundo, vou tirar um pedaço da minha camisa e amarrá-la no seu pé para ver se estanco o sangramento. Acho melhor irmos ao pronto-socorro, pois a coisa tá feia.

Nessa altura, um casal de idosos que passava resolveu abdicar da boa vida em prol de uma caridade em extinção nas civilizações atuais.

Seu Amaral e Jomar carregaram George até o hotel, que providenciou o transporte até o pronto-socorro mais próximo.

Os dois fizeram questão de acompanhá-lo, pois Amaral conhecia muito bem aquela casa de saúde e

sabia que o atendimento era precário e desumano.

Aquele domingo seria conhecido como o Domingo Negro.

O pronto-socorro estava lotado, e não havia nenhum médico de plantão.

As pessoas estavam sendo alojadas e atendidas por voluntários parentes e amigos das vítimas.

O ambiente piorava com a falta de energia e de medicamentos triviais. Não havia um simples frasco de antisséptico.

As informações desencontradas e inexatas contribuíam para a indecisão dos personagens daquela tragédia, que ora queriam ir para um outro hospital, ora os médicos estavam chegando. Gemidos e reclamações faziam o som ambiente.

George, quase desfalecido, murmurava o nome de Clarice, que, nesse momento, voltava de sua caminhada sem saber o que estava acontecendo.

Já no saguão do hotel, Clarice perguntou para a recepcionista sobre o paradeiro do seu marido, e ela apontou para uma senhora que estava sentada no sofá do "*hall*" de entrada ao lado do bar da piscina. Sem entender o que se passava, Clarice instintivamente aproximou-se daquela senhora de olhar tranquilo e firme, cabelo tipo espuma de barbear, assentado por um lenço florido e brilhante.

— Minha filha, não se assuste, mas o seu marido está no pronto-socorro. Ele pisou em um arpão enferrujado. O meu marido está cuidando dele.

— Muito obrigada, mesmo. Mas onde fica o pronto-socorro?

Clarice tentava decifrar o olhar daquela mulher, que,

inexplicavelmente, não conseguia fitá-la. Havia algo estranho naquela cena. *Estou ficando louca*, pensava Clarice. *Todos que tenho contato me parecem familiar. Essa senhora me incomoda, por quê?*

— Vamos pegar um táxi — sugeriu a senhora.

— Muito bem, vamos rápido — gaguejou Clarice.

No caminho, desconfortavelmente, Clarice se ajeitava naquele "lada russo" com as molas do estofamento saltando e as portas rangendo.

Preconizava momentos críticos. Naquela velocidade, a Av. D. Pedro parecia interminável, e se não bastasse, uma onda vermelha de faróis perseguia aquele taxista.

— Desculpe-me, mas qual é mesmo o seu nome? — indagou Clarice àquela velhinha de olhar fixo e penetrante.

— Meu nome é Luíza, mas todos me conhecem como Iza. Estou morando no Guarujá há 4 anos, depois que meu marido se aposentou. Vim para cá por causa da saúde dele. Meu marido foi Juiz de menores na cidade de Jacareí; nos últimos anos, desenvolveu uma espécie de doença pulmonar, causada pelo enxofre lançado pelas indústrias da região. Aqui no litoral, devido ao clima, ele se sente ótimo.

— O que realmente aconteceu com meu marido? — perguntou Clarice àquela estranha e confortante senhora.

— Estávamos caminhando pela praia quando vimos um senhor, caiçara, carregando um homem entre os braços. Nos aproximamos e vimos que o seu pé esquerdo estava enrolado em um pano. O caiçara disse que uma ponta de arpão enferrujado havia perfurado seu pé. Meu marido, então, imediatamente

prestou socorro àquele homem, o levando ao hospital mais próximo. O Homem, quase desfalecido, murmurou o seu nome e o do hotel. Decidi, então, vir ao seu encontro e aqui estou.

No pronto-socorro, Clarice percebeu a tensão daquele ambiente e ficou impressionada com a quantidade de pessoas à espera naquele corredor escuro e sujo.

Dirigindo-se à recepção, se apresentou como médica e inesperadamente foi convocada e suplicada pelos enfermos. Foi então que percebeu que não havia nenhum médico de plantão, e o pior: os remédios e os instrumentos daquele pronto-socorro haviam sido roubados.

— Pessoal, vou ver o que posso fazer, não sou daqui, e meu marido também está precisando de socorro. Primeiro vou cuidar dele, depois vamos ver o que faremos.

Clarice não havia notado que George estava deitado em uma espécie de maca no fundo do corredor daquele hospital. A multidão era tamanha, que a visão alcançava apenas alguns metros. Crianças chorando, idosos gemendo, acidentados perdendo sangue, que escorria pelo saguão. O lugar era terrível e indescritível.

Clarice solicitou à recepcionista uma folha de papel e passou uma longa receita de remédios e acessórios. Informou a todos que colaborassem com o que tinham naquele momento para que os remédios pudessem ser adquiridos na farmácia mais próxima.

— Por favor, todos que aqui estão e são apenas acompanhantes fiquem do meu lado, vocês irão me ajudar, e muito. Alguém de vocês conhecem alguma

enfermeira que more aqui por perto?

Clarice tinha um poder de organização extremamente afinado. Vários acompanhantes haviam recebido instruções de assepsia e iniciaram o trabalho de limpeza, enquanto dois garotos ciclistas se dirigiram às farmácias da região.

Sabia que alguns doentes que ali estavam corriam risco de vida e tinha que agir rapidamente. *O tempo para a vida é desconhecido da ciência*, pensou Clarice. *Posso ser rápida para o nosso conceito, porém só Deus sabe o momento, e espero que esteja comigo agora*. Essa voz que falava com Clarice era íntima e conhecida.

Havia uma relação estreita entre as duas. A voz surgia em sua mente sem nenhum aviso ou espécie de consentimento. Simplesmente vinha e avisava. Muitas vezes, Clarice se surpreendia com a clareza daquela voz e com a exatidão de suas mensagens. Aprendeu, com o tempo, a respeitá-la e ouvi-la.

A notícia daquela situação espalhou-se rapidamente, e a primeira estação de TV iniciou seu trabalho de divulgação.

A repórter fez questão, antes de ir ao ar, de investigar, via celular, cada informação que as pessoas lhe passavam. Descobriu que, naquele domingo, os funcionários e médicos do hospital haviam planejado uma greve, reivindicando melhores condições de trabalho e higiene, além de verbas para aquisição de medicamentos. O estado e a prefeitura, por motivos financeiros e políticos, haviam abandonado por completo aquelas instalações.

Clarice sabia que a presença da mídia iria trazer ao prédio um enxame de curiosos, políticos e autoridades.

Tinha que manter a calma e, ao mesmo tempo, impedir que o *show* atrapalhasse seu trabalho.

Enquanto cuidava do enfermo mais crítico, Clarice lembrou-se da greve que um diretor do hospital São Paulo arquitetou há alguns anos e que, na sua inocente juventude, participou ativamente.

O motivo da greve, ficou sabendo muito depois, era a divulgação de um político que, pasmem, chegou a ser ministro da saúde. O homem sempre aparecia na televisão. Debates, reportagens, entrevistas... ligava a TV e lá estava ele.

A ideia era provocar uma greve, com o objetivo de atrair a imprensa e inserir o político como mediador. Dessa forma, ele apareceria, e sua imagem seria divulgada para o povo, como o político da saúde.

O certo é que naquele tempo não havia nenhum motivo para se promover uma greve, exceto pela falta de pagamento de salários, provocada intencionalmente pelo diretor da instituição, provocando médicos e funcionários contra o governo, no entanto, veio a saber depois, que o grupo formado pelo diretor e alguns outros funcionários foram assessores do ministro quando da sua gestão.

A técnica era simples: programavam-se vários eventos de cunho popular com cobertura gratuita e obrigatória da imprensa, a chave era bloquear salários e desviar verbas, provocando descontentamento geral dos usuários e prestadores de serviços, introduzia-se um mesmo político em todas as reportagens, visando a fixação de sua imagem naquela área, saúde, por exemplo.

Os eventos eram programados para o semestre de

algum pleito. Uma vez ganha a eleição, o grupo automaticamente fazia parte da gestão como assessores, funcionários e até como fornecedores do estado. Tudo o que era arrecadado lícita e ilicitamente ia para a "caixinha da campanha" e reciclagem de *marketing* do grupo.

Clarice aprendeu todas essas artimanhas com George, um dos primeiros brasileiros a dirigir uma multinacional em território americano.

Um sorriso e uma sensação de tristeza tomaram conta de Clarice ao ver aquela jovem jornalista inocentemente fazendo parte daquele *show*, ávida por informações fantásticas, sem saber que estava sendo usada como um fantoche naquele episódio.

— Já vão aparecer o vice-prefeito, vereadores, polícia militar e civil, médicos e o diretor do hospital — disse a voz de Clarice. — A promoção, dessa vez, é do vice-prefeito — repetiu a voz.

Entre um enfermo e outro, Clarice fazia uma visita profissional ao seu marido, que se recuperava rapidamente, graças aos seus cuidados.

George, livre das dores, passou a ajudar Clarice no que podia, e nessa ajuda, comentava e irradiava cada passo do *show* que estava acontecendo em frente ao hospital, já com palanque, pipoqueiros, vendedores de *hot-dog* e, é claro, as autoridades. Lembrou-se de um curta-metragem que assistiu no passado, que se igualava em muito ao episódio que estava vivenciando.

Recordou-se da primeira cena do filme, em que uma beata, dentro de uma igreja, em frente à imagem de uma santa, reza desesperadamente.

A câmera foca o rosto da santa para que os

espectadores percebam as lágrimas que correm por sua face. A beata, assustada e ao mesmo tempo extasiada, grita pelo padre, anunciando o milagre.

Pega, com seu dedo indicador, uma gota, leva à boca e percebe que é salgada, gritando com mais veemência. Nisso, a câmera em marcha a ré vem devagar pelo corredor central da igreja, abrindo o foco até a sua faixada.

Dá uma volta e mostra a praça com os primeiros romeiros, peruas e ônibus, além, é claro, dos ambulantes, pipoqueiros e vendedores de comida.

A câmera ainda, dessa vez, por cima da praça, segue a estrada mostrando ao público a multidão de romeiros que estavam chegando.

A noite vem chegando, e a praça é um formigueiro, gente de todo lugar e toda espécie. A câmera, ainda por cima, mostra detalhes de algumas barracas, com as imagens da santa para vender e peregrinos enfermos caídos e de joelhos, uns carregando a cruz, outros, andaimes.

A madrugada cai, e a praça fica totalmente lotada. A câmera, agora, quando os primeiros raios de sol aparecem, faz meia volta e se posiciona para entrar na igreja. Mostra que lá dentro não há lugar nem para moscas.

Dessa vez, em um movimento brusco e acelerado, o filme todo retorna até a cena do foco da face da santa, para pôr alguns instantes, enquanto o som da multidão é aumentado.

Mais uma vez, a câmera se posiciona no corredor central da igreja e se afasta lentamente até a porta de saída. Dessa vez, não faz a volta para mostrar a praça, mas sobe até o telhado da igreja, que está encrostado em um barranco, mostrando um menino urinando

no morro e a urina escorrendo por sobre o telhado da igreja.

George pensava na teoria das massas, onde a farsa pode se confundir com a verdade, e a massa segue, crônica e cega, seu líder, que a história deturpa e enfeita. Refletiu sobre o poder da mídia, especialmente a televisão, e na mudança radical que o seu produto, ainda sigiloso, iria introduzir na humanidade.

Dezoito horas daquele domingo e Clarice, agora com o auxílio de todos os médicos e enfermeiras do hospital, graças ao poder da televisão, podia descansar e relaxar de suas atividades, já que todos haviam sido atendidos, e a normalidade se instalava no hospital.

Clarice e George, em uma atitude de gratidão, convidam o Sr. Jomar, Dona Iza e o marido, Amaral, para um jantar no "Ruffinos", restaurante tradicional do Guarujá.

— Tenho uma proposta melhor — disse Jomar, o caiçara. — Hoje minha filha faz anos, ela mora sozinha, aqui mesmo nesta rua, e tenho um grande peixe, no congelador, que pesquei hoje de manhã e gostaria de oferecer aos senhores o meu prato preferido. É simples, mas ficarei feliz se vocês aceitarem.

O silêncio tomou a forma de aceite, e, às vinte horas, como combinado, todos se reuniriam na casa da filha do caiçara.

— Esta é a Mariana, minha filha. Ela está na faculdade em Santos e estuda essas coisas de computador. Mora aqui, que é mais perto e pode estudar sossegada.

O apartamento de Mariana era extremamente pequeno, mas tinha um fluído estranho que deixava todos que ali estavam relaxados e íntimos, como se

nos conhecêssemos há vários anos. Mariana era uma morena com traços indígenas bem acentuados, olhos pretos, semiabertos, cabelos negros e curtos, lábios carnudos e nariz aberto. O que chamava a atenção eram os seus dentes brancos e perfeitos, que contrastavam com sua pele jambo.

Estava vestindo uma bermuda curta e uma camiseta com a foto de Jimmi Hendrix. Descalça, conversava com as mulheres, enquanto os homens, na minicozinha, tentavam se ajustar ao espaço.

O Sr. Jomar possuía uma habilidade para limpar o peixe como um cirurgião experiente e de mãos firmes.

— Trabalhei muitos anos em uma barraca na rua do peixe, e hoje, graças a Deus, vivo de biscates com peixes. Pesco, limpo e vendo.

— Eu também trabalhei por muitos anos em uma área parecida, pescava crianças sujas, procurava limpá-las e devolvê-las às ruas, mas minha missão não deu certo — retruca, com tristeza, o Sr. Amaral, marido de Iza.

— Pois é, hoje a recuperação de um adolescente não está nada fácil — seguiu George, enquanto Jomar recheava o peixe.

— Na região de Jacareí, tínhamos uma equipe fantástica de colaboradores solidários. A turma era de excelente qualidade. No entanto quando enviávamos a criança para a FEBEM, tinha a impressão de mandá-las a um gueto. Uma ocasião, houve uma rebelião provocada pelos jovens, com intervenção sangrenta da polícia, na qual fui indicado como mediador nas negociações, e um garoto, não me recordo o nome, talvez seja Rodrigo, me disse que tudo aquilo era, na gíria

dele, uma armação dos funcionários para ganhare mais horas extraordinárias.

"Em toda rebelião, todos os funcionários são convocados a fazer plantão e ganham horas extras por isso. Havia um plano anual, uma espécie de orçamento, no qual os meninos contribuíam com venda de cigarros e drogas e na incitação de rebeliões, com vistas a aumentar as horas extras dos funcionários. O diretor desconhecia o plano e as reais atividades de seus comandados. Os fornecedores de refeições, roupas e manutenção também eram obrigados a participar da caixinha. Para vocês terem uma ideia, um jovem custava, por mês, ao estado, cerca de US$ 1.200. Com esse dinheiro, daria para alugar um "*flat*" para cada um. Uma quadrilha se instalara na FEBEM e se utilizava dos jovens detentos e dos fornecedores para o crescimento de sua caixinha. Os governos mudavam apenas os diretores, deixando impunes os funcionários. Vez ou outra havia punições, mas eram raras. A gangue mais violenta dava cobertura aos funcionários, pois dependiam das drogas introduzidas por eles. Era, ou ainda é, uma enorme universidade do crime comandada, financiada e gerida pelo estado.

— Inacreditável — lamenta George. — Como é possível recuperá-los em um ambiente desse?

— Não tem jeito, a cidade grande colhe aquilo que planta — desafiou Jomar, enquanto levava o peixe à assadeira.

George observava da cozinha a conversa das mulheres e, principalmente, a atuação de Mariana, que, àquela distância, com seus gestos delicados e firmes, parecia dominar o grupo. Uma força estranha e um

desejo incontrolável empurravam George até a sala, sem que percebesse.

Mariana falava de sua experiência política como diretora do centro acadêmico de sua faculdade com vigor e entusiasmo contagiantes.

Tinha uma percepção do mundo adulto fora do comum. Sua habilidade de narrar era, sem dúvida, nata e exclusiva. Conduzia seu pensamento de forma objetiva e direta. Produzia nas pessoas uma espécie de hipnose verbal, concentrando a atenção única e exclusivamente na sua narrativa.

— Na minha faculdade, os equipamentos são obsoletos e insuficientes, e o corpo docente, desatualizado. A direção da escola tem seus objetivos fixados na ampliação das salas de aula, visando a maximização do lucro com o incremento do faturamento. Desde que entrei nesse curso, houve vários aumentos nas mensalidades, sem a correspondente contrapartida nos salários dos professores e investimentos em tecnologia. É angustiante dizer essas coisas, mas enfim, é a realidade. Todo o meu conhecimento da informática obtive sozinha, através de livros indicados por profissionais da área e muita prática naquela máquina que atualizo todo ano para não virar sucata. No entanto frequento o curso para obter um diploma que hipocritamente é exigido pela sociedade. A maioria dos grandes homens da humanidade não eram diplomados, mas empíricos e autodidatas. O modelo atual de ensino está falido, e os alunos, descontentes e sem perspectiva de vida. Se não houver uma mudança rápida e drástica no modelo, formaremos uma geração de imbecis com conhecimento inútil e capacidade produtiva tendendo a zero. Uma

pesquisa encomendada pela secretaria de educação e realizada por uma empresa independente mostrou que 80% dos alunos formados em universidades de nome não sabiam redigir uma carta e tinham grande dificuldade em se expressar. Enfim, a sociedade irá perceber os efeitos dessa produção em massa de diplomas nos próximos 10 anos, quando o número de desempregados aumentará assustadoramente por ausência na qualificação dos profissionais. De que adianta formar um ferreiro, se ninguém anda mais a cavalo?

— Eu gosto de um bom cavalo com excelentes ferraduras — brincou George com Mariana. — Afinal, quem fundirá o ferro com tantos diplomados? Quem se sujeitará? Repare que a sua geração está passando por uma transformação sem precedentes. Todos os sistemas existentes são da década de 50/60 e, portanto, obsoletos e carentes de uma reforma que, acredito, será produzida por esta geração. Chamo-a de geração "Clique-clique" ou, mais carinhosamente, como "Tudo-pronto".

— Acredito que estamos entrando, neste milênio, na Era da Depuração. Tudo será depurado: a humanidade, os sistemas e o "cosmo" — interrompeu Clarice.

Um profundo silêncio tomou conta daquela minúscula sala.

As palavras de Clarice, de alguma forma, induziram as pessoas à reflexão espontânea. A ausência de som no recinto indicava uma ruptura no assunto principal e a introdução do elemento etéreo naquele ambiente. A frequência e amplitude das ondas vocais emitidas por Clarice tinham o dom de contagiar os mais refinados ouvidos, produzindo no cérebro uma vibração

prazerosa, que só ela era capaz de fazê-lo.

Depurar não era o verbo da moda, no entanto sua força expressiva e o sentido em si mesmo davam uma dimensão vasta da abrangência daquela palavra. Clarice ocultava o sujeito da ação do verbo, deixando para o ouvinte a responsabilidade de integrar-se à frase como sujeito principal e participante do processo.

Na depuração, está inserida a ação de limpar ou deixar puro algo contaminado. As pessoas daquela sala tinham a noção exata do que aquela singular palavra encerrava como ideia. Mas pairava no ar a dúvida sobre o agente depurador.

A visão e leitura no momento traziam um mundo sujo e perverso, e a palavra "depurar" tinha o privilégio de, em si mesma, concentrar o significado contrário, porém necessitava de um agente.

Quem, espíritos ou espécies, seria capaz de empreender majestosa tarefa? Haveria uma ação concreta para aquela afirmação? Quando ocorreria?

A dúvida expressada pela fisionomia dos presentes e o silêncio produzido pelo pensamento foram interrompidos por Amaral e Jomar, que, com a assadeira nas mãos, anunciavam o início daquele jantar.

A mesa, redonda e pequena, acomodava no máximo seis pessoas. Acima e no centro, havia um fio que trazia na sua extremidade uma espécie de lâmpada amarela, que, com o vento vindo da janela, era jogada de um lado ao outro, fazendo com que as sombras sobre a mesa animassem a cena.

A graça do movimento das sombras dava àquela mesa a sensação da existência de muito mais pessoas. O espaço entre os que ali estavam era reduzido, de

forma que os cotovelos de cada personagem se tocassem rudemente.

— Há quanto tempo você estuda informática e o que realmente sabe sobre a área? — desfechou George, olhando para Mariana.

— Comecei aos 11 anos, quando minha mãe trabalhava na casa de uma família poderosa aqui da região. O filho mais velho dessa família, da minha idade, por incrível que pareça, tinha uma rede de computadores instalada e mantida pela mãe dele, que era fanática por computadores. Tínhamos uma atração um pelo outro, e a mãe dele sempre me convidava para brincarmos nos computadores, cheios de *softwares* e jogos. Um professor semanalmente dava aulas particulares aos membros daquela família, e como estava lá, as recebia também. Essa fase durou seis longos anos, até os meus 17 anos. Nossa amizade foi interrompida com a ida dele para a Suíça. Nesses anos todos, semanalmente, tínhamos aulas maravilhosas com o "Guru", apelido dado carinhosamente pela matriarca. Todas as novidades de ponta, até mesmo antes de chegar ao país, eram ensinadas pelo "Guru". Estávamos sempre por dentro de tudo na área, inclusive aprendemos programação muito cedo, daí meu estágio avançado no conhecimento da informática.

Clarice viu instintivamente Mariana na empresa de George. Começava a entender o porquê daquele encontro, seus ciúmes perturbavam a razão. Lutava para ficar à vontade, mas ao mesmo tempo, algo a incomodava. George iria convidá-la para o projeto com certeza. Aquela voz íntima indicou o momento.

— Mariana, não sei se você sabe, acredito que não,

mas estamos recrutando pessoal de informática para trabalhar em nosso projeto *Bell-Y*, que deverá ter seu início até o final deste ano. É um projeto sigiloso, que será desenvolvido simultaneamente com a Índia e a China. Quando nossa área de recrutamento estiver operando, pedirei para entrar em contato com você. O que acha? — George convidou, entusiasmado.

— Agradeço o seu convite, mas estou tentando com amigos da faculdade montar o meu próprio negócio — respondeu Mariana, para alívio de Clarice, que sentia no aceite um perigo para George.

— Vamos montar em uma garagem uma empresa de multimídia, a "Solutions". O objetivo principal é trabalhar para agências de *marketing*, propaganda e publicidade. Meus amigos são extremamente criativos e problemáticos com horários, roupas e coisas do gênero. Gostam do isolamento e odeiam compromissos e burocracias. Eu também sou assim. Não iria me dar bem trabalhando como funcionária de qualquer empresa neste país. Estamos fundando uma nova maneira de empresariar, de acordo com nossos desejos e, é claro, dos nossos clientes, que também estão aderindo à novidade.

George, pela primeira vez naquele dia, sentiu uma mudança terrível no seu humor, mais doída do que o arpão em seu pé. A negação de um convite o deixava perturbado. Como alguém, naquelas condições, negava um emprego em uma multinacional com tanta tranquilidade e convicção? Como uma empresinha em uma garagem podia exercer um poder maior do que seu convite?

— Desculpe-me, Mariana, mas não entendi a recusa

do convite. Estou curioso para saber as razões que levam você ao seu empreendimento sem nada e em uma garagem! Desculpe mais uma vez, mas gostaria de saber.

— É simples. Só faremos aquilo que realmente nos der prazer. Primeiro, o profissional e social, depois, o dinheiro. Sabemos que é uma inversão nos valores empresariais, mas correremos o risco, que é pequeno, daí ser em uma garagem. No modelo tradicional, somos obrigados a produzir mesmo sem vontade, o objetivo é o dinheiro, e não a satisfação das pessoas.

Mariana percebia no olhar de George a indiferença com que tratava esse assunto, assumindo uma postura de superioridade, típica dos adultos socialmente bem-sucedidos.

Sabia, a princípio, que a batalha verbal estaria estabelecida e que o ponto de equilíbrio se manifestaria quando provocasse um impasse intelectual, formulando questões de natureza empírica, já que o concretismo de George acenava para o caminho das provas.

— Acho que você não conhece o mundo lá fora — despachou George, fortalecendo sua posição superior quanto à vivência.

— O mundo lá fora é para os de fora — respondeu Mariana, com um certo gozo entre os lábios, que a denunciavam publicamente.

— Gostamos do isolamento — continuou Mariana. — É nele que produzimos sem interferência do sistema externo. Essa ausência de conhecimento lá de fora é que nos mantém na essência, sem contágios desagradáveis que atuam negativamente, deturpando e moldando as pessoas à servidão.

— Essa empresa durará poucos dias.

George queria, com essas palavras, encerrar a discussão, já que estava convicto do absurdo daquela ideia.

— Dê-me uma razão. — Mariana dificilmente abandonaria aquela questão. No entanto também queria, por prazer intelectual, conhecer o limite conceitual de George.

— Quem vai pagar as contas? De onde virá o dinheiro sem uma área de vendas? Como uma empresa pode progredir trabalhando quando quiser e para quem quiser? — George procurava, nesse estágio, encontrar argumentos que sustentasse tamanha loucura.

— Ora, Sr. George, você que vive lá fora ainda não percebeu a grande mudança que está ocorrendo nos macrossistemas. As multinacionais sendo ameaçadas por microempresas e perdendo feio. O Linux (Sistema operacional para computadores, desenvolvido por várias pessoas de várias partes do mundo, via Internet e totalmente grátis) nasceu onde? Em uma garagem ou em uma cozinha? Precisou de um departamento de vendas? E os vírus de computadores servem para quê? Quem ganha dinheiro ou quem se satisfaz com isso? E a Amazon (empresa que vende de tudo na Internet), que não é loja física, mas vende para o mundo todo? Não esqueça de que a Internet não tem dono e ela será o instrumento de profunda modificação e transformação no modelo social tradicional. É isso que nós acreditamos, na falência dos modelos velhacos e escravizantes. Qual a diferença dos tempos da escravidão e as de hoje? Os escravos tinham comida, moradia e trabalho. Onde está a liberdade alcançada pela sociedade? Você acabou de me perguntar quem vai pagar as contas. Isso não é

escravizante? Mesmo que eu não tenha dinheiro, tenho contas a pagar. A sociedade gerou um enorme câncer financeiro que induz necessidades e cobra por elas sem mesmo lhe dar a contrapartida. Veja o que fizeram com os índios. Quem é civilizado: nós ou eles? Estamos nos encaminhando para a mais pura das escravidões, que é a tecnológica. Hoje dá-se o nome de "Servidores" aos computadores que estão na rede mundial. A ideia é que eles nos sirvam. Mas em um futuro bem próximo, eles serão os "Senhores", e nós, os "Servos".

Clarice, atenta à discussão, sabia o quanto de verdade havia naquela profecia e que a empresa de George e seu projeto *Bell-Y*, de uma certa forma, seriam responsáveis por essa grande transformação. Com um sorriso interno, ironizava aquela cena, em que o profeta se recusava a fazer parte da própria profecia.

O pai de Mariana, temendo o agravamento da situação, já que conhecia muito bem a determinação de sua filha, interrompe a conversa.

— O que vocês acharam do meu peixe?

O ex-juiz, atento à deixa do anfitrião, mais do que depressa responde e discursa sobre as qualidades daquele peixe, sinalizando discretamente o adiantado da hora.

9. NA PREFEITURA

Segunda-feira — dessas que o ócio é um convite a formular questões de saúde na tentativa de convencer-se de que aquela dorzinha de cabeça é suficiente para impedi-lo de trabalhar.

George relutava consigo mesmo tentando afastar aquela sensação de torpor natural das segundas. Em sua mente, rolava todo o planejamento da semana, sendo a principal atividade a que o faria reunir-se com o prefeito de São Paulo.

Sabia que aquela reunião seria objeto de barganha com a prefeitura de Santos, na expectativa de que concedessem autorização para a instalação do seu projeto. As palavras de Mariana ainda soavam com muita intensidade e insistência. Não conseguia concentrar-se sem que aquelas frases o perturbassem.

— Atrevida aquela moça de ontem, não acha? — George, enquanto aguardava aquela enorme fila que se formara no início da rodovia dos imigrantes, sem assunto, tentava provocar Clarice, que desde cedo não havia pronunciado qualquer palavra.

10. NO PALÁCIO

O Palácio das Indústrias, sede da prefeitura de São Paulo, poderia insinuar uma grande torre de concreto com vidros fumê sinalizando a mais moderna arquitetura, emprestada pelos melhores arquitetos da cidade.

A realidade, na ótica de George, no entanto, projetava um prédio antigo e em dissonância com o seu meio.

Sentimento do modernismo do capital. *Não havia nada mais fora de sintonia do que aquele mausoléu*, pensava George. A sensação que se tinha era de um tumor no meio da cidade. Aliás, George sabia que o visual daquele prédio combinava com os intelectuais que nele residiam.

Era um contraste desconcertante. Não havia, no mundo, nada parecido. Um sorriso sutil revela a reflexão de George para Clarice, que imediatamente o adverte de que não está ali para questionar a ambiguidade arquitetônica de São Paulo.

— Pare com isso, George. São Paulo é isso aí. Vamos lá conversar com o Prefeito e pronto!

— Mas Clarice, desculpe se não consigo parar de rir, não sei como, mas essa cena é muito cruel e divertida. Olha só para onde nós estamos indo. Tenho na mala um projeto de altíssima tecnologia para mostrar a um cavalheiro que administra a maior cidade da América Latina, naquela latrina, desculpe... latinha. Sabe, é você falar para alguém da sua importante cidade e dar um cartão de visitas em papiro. É muito surrealista. Olha só, repare bem, olha a faixada. Aqueles arcos de

enfeite na faixada refletem bem o gráfico de evolução das finanças paulistanas. Não dá para parar de rir, veja que houve uma ascensão, chega no ápice e depois vem em queda livre. Como o arco do triunfo pode triunfar, se as bases levam ao mesmo lugar? É ridículo e ao mesmo tempo divertido. Desculpe, é que minha mente me trouxe essas reflexões cômicas. Cada arco da faixada representa, para mim, a evolução de cada secretaria. Todas estão no vermelho. Parece um gráfico. Fala a verdade, você não acha engraçado essa coincidência?

— Por favor, George. Lá em Brasília, você viu belezas arquitetônicas e, no entanto, o resultado é o mesmo. Não importa a carcaça, mas quem está nela. Se lá, como aqui, não deu resultado, o problema está na sociedade individualista que caracteriza este país. Veja bem, os índios, primitivos, sempre foram solidários, e nós, evoluídos, estamos, só agora, dando sinais de solidariedade. Observe o número de ONGs que estão surgindo. Pergunte a eles se estão preocupados com a arquitetura física ou com a espiritual de sobrevivência. De novo a ambiguidade. É um duelo que a imprensa jamais pensou existir. Se os grandes dominavam a mídia, agora uma minoria é capaz de fazer um barulho incrível. É a criação do monstro virando contra o criador.

— George, você não tem medo?

— Tenho, sim. Lembra de quando estivemos na zona leste? Você viu como cresceu? São Paulo está, aos poucos, sendo sitiada pela periferia. É uma espécie de estado de sítio, compulsório e voluntário.

— O que vai acontecer com aquelas pessoas quando o projeto *Bell-Y* for implantado? — indaga Clarice, esquecendo, por dezenas de vezes, de que George já

havia confessado o que a empresa esperava de alguns segmentos da sociedade, principalmente a mais humilde.

— Clarice, deixa para lá. Já te falei mil vezes para não tocar nesse assunto — agride George, em tom mandatário.

No estacionamento do Palácio, um senhor, que lembrava muito aqueles pedintes de restaurantes da TFP (Tradição, Família e Propriedade), sentado em uma cadeira com assento da palha sinalizava para que George parasse.

— Bom dia, senhor.

— George, da Multinacional Bell Telecomunication — emendou George, com ar de superioridade. — Temos reunião marcada com o prefeito. Veja aí na sua lista.

— Isso aqui não é uma lista. — Sorriu o atendente. — É apenas um folheto que entrego para todos que aqui estacionam. Por favor, dê uma lida e depois estacione nas vagas para visitantes.

George pegou o folheto com desdém e o passou para Clarice, que, em voz alta, efetuou a devida leitura.

O folheto dizia que a Prefeitura não se responsabilizava por objetos deixados no carro, riscos, arranhões, batidas e roubos ou furtos de qualquer natureza. Se eximia de tudo naquele estacionamento. Em um gesto comum, Clarice virou o folheto instintivamente, para se certificar de que a tarefa de leitora havia terminado. Havia alguns garranchos indecifráveis que excitaram a sua curiosidade.

Mas o carro já estava estacionado, e George acenou para Clarice, mostrando o relógio. Imediatamente,

Clarice jogou o folheto na sua bolsa, com um certo incômodo.

O tempo estava chuvoso, daqueles janeiros de quartzo. Céu negro, sem nenhuma brisa e ar muito seco. Era um jogo que o clima teimava em fazer com São Paulo.

O céu da cidade podia estar preto, mas o condenado à enchente poderia ser, naquele dia, a zona norte. Havia uma surpresa macabra projetada por São Pedro.

Clarice estava tão ansiosa em ler o verso do panfleto que nem se deu conta de que estava na sala de espera de audiência do prefeito.

O teto do saguão era altíssimo, e o som ecoava pela sala. Dava a impressão de se estar em uma sala vazia. Apesar do movimento, havia uma solidão coletiva naquele recinto. Ninguém falava com ninguém.

Todos ali faziam cara de importante, exatamente por estarem em um lugar que exigia aquela representação. A coreografia imolava os atores, que, no salão, transformavam-se de acordo com o protocolo, sem sequer se darem conta disso.

Clarice fitava George, como que concordando com os seus pensamentos ou imagens, que, nessa hora, sabia que apareceriam. E eles eram, sem dúvida, críticos, mórbidos e engraçados. Esperava atentamente por suas observações. Não demorou muito e George disparou.

— Tá vendo aquele ali? Pedinte. Tá vendo o outro de blusa vermelha? Pedinte. E aquele lá no canto? Também mais um pedinte. E nós aqui? Solicitantes.

Clarice sorria, pois sabia que George era um pedinte inveterado. Não havia país da América Latina em que não houvesse feito um pedido ou solicitação, como ele

diz.

Podia sentir naquelas pessoas uma grande troca mútua.

A empresa de George doutrinava seus executivos a estarem sempre ao lado do poder e que a troca era sempre pessoal, nunca solidária. O poder, em hipótese alguma, distribui o resultado das trocas de favores.

A duração festiva e curta desse instrumento lembrava do ritual dos reinados, em que os súditos, enfileirados, traziam presentes ao rei, que, em troca, lhes outorgava favores constituídos por lei. Como a lei era a máxima na democracia, não havia como destroná-la, e sim manipulá-la.

A missão do executivo era estar ao lado do poder, elegendo-o, mantendo-o e substituindo-o. Essas eram as três leis mais do que divinas nas organizações, inclusive acima das de Deus. Desde os templários, organizações secretas foram estabelecidas para serem o segundo poder.

Podia-se até matar sem qualquer constrangimento.

Valia tudo para se estar à sombra do regente (nesse caso, regido). Para eles, céticos, a Terra era o centro do Universo, e tudo o que era matéria poderia ser construída e entendida pela ciência; era apenas uma questão de tempo.

O dinheiro dos presentes vinha de diversas fontes ilegais copuladas pelos agentes da lei. O montante em circulação, não registrado, portanto não oficial, é que efetivamente governava.

A família Kennedy, lembrava Clarice, ascendida na sociedade graças ao contrabando de whisky, na época da lei seca, tentou combater esse lado da sociedade e

simplesmente ao pó retornou. Clarice sabia, através de George, que uma grande parcela de dinheiro que circulava no mundo era "sem registro". Meia dúzia de pessoas controlavam toda a circulação de papel oficial. O disparate era tanto, que se o mundo parasse para trocar o papel por produtos haveria um déficit de 60%. Seria o caos econômico.

As três leis são sustentadas por três máquinas de fazer dinheiro desde o Egito: Sexo, Vício (inclusive jogo) e Contrabando. Se não houver proibição, o Governo sucumbe.

George dizia à Clarice que sempre houve dois governos, o de direito e o invisível. Esse último, formado pela elite econômica, não gostava de aparecer, mas dirigia o país sem qualquer constrangimento através de seus "lobbies".

— Sr. George? — chamava a assistente do gabinete.

Clarice não moveu um músculo, como era praxe, enquanto George se dirigia ao gabinete. As reuniões deveriam ser sem testemunhas, por isso Clarice esperava do lado de fora.

A antessala do prefeito era acarpetada e fedorenta. Várias manchas se destacavam naquele piso. Uma coluna de armários de aço de cores distintas separava, em retângulos, saletas cheias de papéis e pessoas.

À medida que ia caminhando, sentia estar em um labirinto, até que finalmente avistou a sala do prefeito, identificada com o brasão da cidade na porta. A sala era grande e majestosa, com quadros de gosto duvidoso forrando as paredes.

A mesa daquelas antigas e torneadas com faces de animais indefinidos nas bordas e um grande tampo

de vidro refletia a imagem do prefeito. Cabelos negros penteados para trás e fixados com muita brilhantina. Sobrancelhas grossas com alguns pelos insistindo em sair daquela formação ondulosa.

Olhos negros profundos, com cavidade superior às normais. Rosto arredondado, insinuando uma explosão de gordura. O que mais chamava atenção eram os suspensórios largos e coloridos com fivelas douradas e trabalhadas.

— Sim, é claro, companheiro, vou transferir aquele terreno para você assim que me pagar os US$ 210.000,00. Lembre-se de que quero em dinheiro, nada de cheques. Dê-me o dinheiro e leva o terreno. Estarei às 14h naquele restaurante famoso do Belém, que vende bacalhau. Sabe onde é? Isso, isso mesmo, vou te esperar lá. Ok, até mais.

George, com toda sua experiência, nunca havia presenciado uma conversa por telefone naqueles termos. Sabia que lugares como aquele tinham uma espécie de ouvido oculto, e aquilo que ouvira era incriminador, partindo de uma figura pública.

— Sr. George, me desculpe, mas tenho um compromisso inadiável. Por favor, entregue seu projeto para o meu assessor, que iremos analisar com carinho, eu prometo.

O prefeito, preocupado, se retirou da sala, deixando George com o assessor.

Aquela situação favorecia muito os objetivos de George, pois lidar com o segundo escalão era mais fácil e custava menos.

Imediatamente, convidou o assessor para um almoço naqueles restaurantes tradicionais da Al. Santos.

A resposta ao convite foi rápida e precisa, mas com uma condição: havia mais três assessores que iriam participar na análise do projeto e eles também deveriam ir.

George entendia que uma festa de negócios era tudo o que o segundo escalão gostava, principalmente vindo de uma multinacional. Os almoços, além de demorados, eram inesquecíveis.

Na saída do gabinete, George aponta para Clarice, que imediatamente entende a sequência do próximo ato.

Mas dessa vez, não estava disposta a acompanhar George. Queria ficar sozinha e descansar. Aquele olhar de Clarice mecanicamente fez com que George entregasse a chave do carro sem nenhuma comunicação prévia.

Às vezes George entendia tanto de Clarice, que chegava a preocupá-la. Nunca cobrava nada, não demonstrava ciúmes e era gentil e prestativo. George sentia que aquele almoço seria coroado por bebedeiras, discursos e muitos, mas muitos pedidos. A chateação de sempre.

Clarice cumprimentou todos, após formal apresentação, dirigindo-se para o estacionamento, enquanto George acompanhava o grupo de assessores.

No caminho para o hotel, Clarice sentiu fortes cólicas. Uma vez por mês, era aquele sofrimento, compartilhado apenas pelas mulheres. Sabia que o dia ia ser de medicamentos e repouso. Não via a hora de tomar um banho para se livrar do desconforto.

Já no hotel, enquanto preparava-se para repousar, lembrou-se da bolsa. Ao abri-la, se deparou com o guardanapo contendo o telefone do padre Leôncio e o

folheto do estacionamento.

No verso, havia uma frase escrita com uma caneta que resistia ao tempo. De difícil decodificação, só podiam ser deduzidas as duas últimas palavras: "mundo vivo". Será que o sentido da meia frase dizia respeito à esperteza dos seres vivos? *Por que se preocupar com frases?*, indagava a segunda voz de Clarice. *Se continuar assim, não chegará a lugar algum*, insistia a voz.

Clarice, quase que adormecendo pelos efeitos dos remédios, lembrava do sonho, das frases e do padre Leôncio. Esse tritongo incomodou sua curiosidade até o sono profundo.

Eram 20 horas quando George entrou no quarto do hotel onde estavam hospedados. Cansado e molhado, com uma mistura de suor do calor e de um pouco de chuva, sentia seu corpo pegajoso. Certificou-se do estado de Clarice e foi ao banho. Ao retornar, como era de costume, ligou a televisão para acompanhar os noticiários, outra preocupação dos executivos daquela multinacional.

— Atenção, agora e ao vivo, direto do bairro do Belém, nossos repórteres acompanham o caso do escândalo envolvendo o prefeito de São Paulo. Estamos ao lado do delegado titular da delegacia federal para nos dizer o que está havendo aqui nesee restaurante. Demos um flagrante no prefeito, que estava recebendo uma enorme quantia em dinheiro vivo de um empresário, e achamos que é propina. Uma fonte nos alertou desse encontro, e aqui estamos. Assessor, por favor, o que houve com o prefeito?

— Nada, tudo não passou de uma grande confusão.

Estamos aguardando a presença dos advogados do Prefeito para esclarecerem essa situação. Eles já devem estar chegando.

O cinegrafista mostrava a faixada do restaurante, e o pessoal do estúdio inseria fotos do prefeito e a legenda "ao vivo" acompanhada da frase: "Prefeito é preso em flagrante com a mão na propina".

O som de sirenes desloca o cinegrafista para duas motos da PM e dois carros pretos da prefeitura estacionando na porta do restaurante.

— Por favor, uma palavrinha sobre os acontecimentos.

— Ainda não sabemos de nada, iremos até lá para tomar conhecimento.

— Esses são os assessores do departamento jurídico da prefeitura e estarão reunidos com o prefeito agora mesmo. Estaremos atentos para divulgar qualquer fato extraordinário. Até agora, o que temos é a polícia federal com voz de prisão ao prefeito, que se recusa a sair do restaurante sem a presença dos seus advogados. Mais um carro oficial chegando. Meu senhor, por favor qual é o seu departamento na prefeitura?

— Sou tabelião, me chamaram para analisar alguns documentos. Depois nos falamos.

O canal corta as imagens para a entrada dos comerciais.

Nessa altura, George lembrou-se da conversa no telefone e havia estranhado tamanha falta de experiência do prefeito. Se todas as empresas grampeiam os telefones dos seus funcionários, imaginem uma prefeitura. Era muita inocência daquela figura bizarra.

— Voltamos diretamente do bairro do Belém, onde

o prefeito de nossa capital foi preso por aceitar propina de um empresário ainda desconhecido. Fala, Roberto!

— Ok, Dante, o prefeito de São Paulo ainda se encontra reunido com seus advogados, delegados e o tabelião. Por enquanto, nenhuma novidade.

— Dante, estamos vendo aqui de fora que há um movimento lá dentro. Parece que o Prefeito vem saindo.

— Sr. Prefeito, por favor o que houve?

— Apenas uma grande confusão por parte dos agentes da lei. Eu tinha uma dívida de campanha com uma gráfica e precisei vender meu terreno para saldá-la. O empresário Bueno Silva, ele é português, sabe, adora um bacalhau e se dispôs a comprá-lo, e nos reunimos aqui para fazer a transação. Daí a presença do tabelião. Esta cidade está ficando maluca. Um prefeito não pode desfazer de seus bens para pagar uma dívida? Fui algemado, apontaram uma arma para o Bueno, isso é um tremendo descalabro. Vou processar todos eles. Com licença.

— Delegado, nossa! que equívoco, hein?

— Pois é, recebemos uma denúncia de propina e demos o flagrante, só que, dessa vez, não era propina, mas uma transação imobiliária perfeitamente legal. Nos desculpamos pelo ocorrido.

"Também falhamos né!"

George, assistindo àquilo tudo, sentiu, nesse momento, um grande respeito pela inteligência do prefeito.

Compreendia agora a razão de toda aquela encenação.

Como diz o velho ditado, "matou três coelhos com uma única cajadada".

Descobriu que o seu telefone estava grampeado, desmoralizou a Polícia Federal e apareceu na imprensa, ora de vilão, ora de vítima. O jogo era desmantelar a onda de suspeitas de corrupção que estava em evidência na mídia.

Tudo era uma perigosa encenação com a presença gratuita da televisão. *O povo*, pensava George, *gostava desses eventos*. Quem saísse como vítima era idolatrado.

Dessa vez, a perfeição do método fez com que a credibilidade do prefeito subisse nas pesquisas.

Sorrindo, lembrou-se do almoço e das propinas que acordou dar para que a análise do projeto *Bell-Y* não tivesse nenhum parecer desfavorável. Era a caixinha da próxima campanha. Nenhuma empresa fazia doações sem a correspondente contrapartida, e ela deveria vir acrescida de juros e leis favoráveis. Esse era o sistema estabelecido pela burguesia desde a primeira transação que se teve registro. Em uma transação, os dois lados devem parecer vitoriosos. Perder é verbo inconjugável nesse meio.

George analisava as duas reações que presenciara com prefeitos. O de Santos cedendo às tentações do poder e o de São Paulo dando uma aula de como fazer política.

Um enfrentava os inimigos, o outro se aliara. Ambas as técnicas atingiam o mesmo objetivo, mas por caminhos diferentes. Era o vale tudo renascendo com vigor na política paulista. O confronto da inteligência superava as mais sadias ações.

George, no fundo, gostava dessas intrigas — e até admirava-as. Não importava os meios, o drible era fundamental e vital para a manutenção do poder.

Quando era um simples funcionário da Bell Telecomunication, o pudor de George foi sendo moldado à medida que subia nos galhos da árvore orgânica da empresa.

Os valores éticos eram delicadamente invertidos, dependendo do grau de ascensão na escala do poder. Toda a empresa tinha que ter três olhos. Um para a política, um para os consumidores e outro para os concorrentes. Não era fácil manter uma empresa viva. Era pior do que uma guerra, nesse caso, binária, aliados e inimigos. *Na organização jurídica, existiam três campos de batalha*, refletia George. A guerra era filosófica e intelectual. A morte do corpo não era tão dolorida quanto o orgulho ferido de um perdedor em vida. "Levanta, sacode a poeira e dá volta por cima", lembrava uma canção da sua infância no Brasil.

11. O ENCONTRO

A terça-feira amanheceu neblinada e úmida. O barulho no centro financeiro de São Paulo era espetacular.

Os ruídos se fundiam em uma melodia desafinada com tons ainda inatingíveis por qualquer instrumento musical. O som irritava até os deficientes auditivos. O movimento acelerado das pessoas, visto lá de cima, pelos olhos de Clarice, dava a impressão de que toda aquela massa procurava um refúgio ou abrigo, capaz de minimizar os efeitos de se estar vivo.

Viver naquele espaço era impossível. Em analogia, Clarice lembrou do filme que havia visto na Universidade de Medicina sobre o fluxo sanguíneo. Os glóbulos vermelhos e brancos correndo desesperadamente naqueles "veiadutos", para manter a vida desde a geração até a morte. Sabiam o que tinham que fazer e o faziam com maestria e constância. *O retrato, lá de cima, assemelhava-se em muito ao filme*, refletia Clarice.

George dava o seu primeiro sinal de vida naquela manhã, derrubando e espatifando o relógio do criado-mudo.

— Bom dia! — felicitou Clarice. Ela imediatamente olhando para aquele simples objeto que denunciava o tempo lembrou de uma canção do filósofo "Keke", que dizia: "O relógio nunca para: tristes horas felizes minutos!".

— Olha só o que eu fiz! — Apontou George para o relógio no chão.

Clarice não se sentia muito bem com esses acontecimentos. Na sua infância, os seus pais viviam atentos

para os sinais. Qualquer fato díspar para com a normalidade era um sinal divino.

Em uma ocasião, Clarice caiu da escada do sobrado onde morava, e a primeira coisa que seu pai perguntou foi: "O que você fez de errado?". O pai dela associava o sofrimento da alma e do corpo com um castigo celestial.

Era observador e pesquisador desses fenômenos. Clarice, geneticamente, trazia em seu "genoma" esse componente do pai. A queda do relógio poderia ser um sinal. Mas para quem? Ela ou ele. Na dúvida, alertou George sobre o perigo.

— Para com isso, Clarice! Nada de mal vai acontecer com a gente. Você sabe muito bem o que penso a respeito. Não acredito nessas besteiras. Foi apenas uma queda que provoquei. Só isso, mais nada! Vista-se, que está na hora do café.

George, como sempre, tinha explicações simplistas e superficiais para as ocorrências etéreas. Tudo era estudado pela ciência, e o ser humano, para ele, acabava quando morria. Não existia vida após a morte. Esse assunto era um disfarce para os fracos.

George aprendeu e se convenceu de que as religiões eram grandes empresas, com logomarcas (a cruz na torre da igreja) e produtos para a grande massa excluída da competição. Enfim, através dos dízimos, as religiões mantinham grandes hospitais virtuais que prestavam serviços de manutenção às almas derrotadas.

A oferta do produto "Amor", existente em todas as corporações religiosas, ia ao encontro do desejo de satisfação, nato nos humanos.

Vendia-se um produto inerente à espécie, George

sorria só em pensar nessa contradição. Enquanto o curso vital passa com felicidade e tranquilidade, a religião é posta de lado. No entanto a presença de qualquer adversidade nesse percurso faz com que esse assunto seja priorizado.

O destino, para George, era o resultado de um trabalho, seja ele vitorioso ou não. Nada caía do céu. Todos tinham que correr e lutar. Claro que as resultantes de uma luta são a vitória de uns e a derrota de outros, mesmo sendo um confronto interno.

George admitia discussões sobre assuntos religiosos e etéreos, mas era contundente e até mesmo asfixiante na imposição das suas convicções. Por esse motivo, Clarice até agora não havia contado para George sobre o sonho.

Na sala de refeições do hotel, havia uma grande mesa enfeitada com frutas e vários pratos consumidos por estrangeiros no café da manhã. Ovos com *bacon*, linguiças e salsichas. Frios de toda espécie. Queijos, iogurtes e flocos de milho, além do tradicional café com leite, chá, sucos e pães.

Clarice se serviu apenas de frutas e suco. George tinha no prato o retrato da culinária norte-americana.

— Hoje vou terminar a reunião que iniciamos ontem com os assessores. Você não quer ir comigo? — Convida George.

— Hoje não estou disposta. Você sabe. Coisas da natureza feminina — revela Clarice.

— Tudo bem. Fique e aproveite para descansar. O dia está convidativo ao repouso. Acho que vem muita chuva por aí.

George sabia das dores que Clarice sentia quando

chegava o ciclo. Respeitava e era muito gentil com ela. Se despediu com um beijo na testa e avisou que só voltaria à noite.

Clarice, já no quarto do hotel, sentou-se na beira da cama e viu que o guardanapo com o telefone do padre Leôncio, estava sobre o seu criado-mudo.

Imediatamente veio o desejo de fazer a ligação. Um desejo estranho e, ao mesmo tempo, prazeroso. Mas a razão de Clarice bloqueia esse impulso, revelando que mal conhecia aquela figura. *Qual seria o resultado da ligação ou do encontro?*, questionava a razão. A outra voz de Clarice lutava para ser ouvida e argumentava que a razão não era a única que fazia parte do seu ser e que ela não era a dona da verdade. Que o instinto e o coração é que eram a essência. Portanto, dessa vez, a razão estava enganada. Que ela devia, sim, levantar-se e executar o comando primeiro, já que ele não iria ferir ninguém, pelo contrário, traria satisfação.

— Alô. Padre Leôncio? — Clarice se certificava ao telefone. — Sou eu, Clarice. Nos vimos em Itanhaém. Lembra-se? Conversamos sobre o triângulo.

— Claro que me lembro. Aliás, você tem estado comigo todo esse tempo. Não paro de pensar em você. — Leôncio foi preciso e seguro nas declarações.

— Estou na arquidiocese, em São Paulo. Onde você está? — pergunta, ansioso, o padre.

— Estou aqui no hotel na Rua Augusta, próximo à Paulista.

— Ótimo, estou bem perto de você. Sei onde é. Podíamos nos encontrar no saguão do hotel. O que você acha?

Clarice ficou espantada com o convite do padre, que,

na realidade, seria efetuado por ela, se ele a deixasse. Ela havia arquitetado aquela reunião, e ele havia descoberto. Como? Coincidência?

— Ok, estarei no saguão às 10h30.

Como uma adolescente que vai à um baile pela primeira vez, Clarice se produziu demoradamente. *Nossa, o que estou fazendo? É apenas um padre*, pensava, enquanto se admirava no espelho.

Aquela sensação de extrema felicidade e prazer era ainda novidade. Nunca havia experimentado. Um calor interno percorria sua espinha dorsal, enrubescendo sua face. *Talvez seja o ciclo menstrual*, duvidava Clarice consigo mesma.

A alegria certa que aquele encontro iria proporcionar enviou suas cólicas para um outro corpo, pois no dela, já não estavam mais. Como médica, não conseguia arrazoar as modificações sensoriais que estava experimentando. Acreditava estar em estado hipnótico, provocado pela ansiedade do encontro, o sonho e as coincidências da conversa no telefone.

Em sua profissão, desde a Universidade, Clarice aprendera a eliminar por completo o sentimento de culpa. Dessa forma, deixava o prazer daquela excitação se alojar no seu corpo sem qualquer constrangimento.

Praticar o momento era a missão de sua vida. Estava tão feliz, que nem se apercebera que havia passado perfume sobre as orelhas por mais de três vezes. Seu humor transitava entre a adolescência e a infância.

No fundo do saguão do hotel, tinha uma ala reservada para leitura, fechada por uma divisória de vidro, com quatro poltronas confortáveis e uma mesa de centro.

Clarice aguardava, em uma daquelas poltronas, a chegada tão esperada de Leôncio. Enquanto esperava, folheava uma revista, sem conseguir ler uma só linha.

Levantava-se da poltrona, pegava outra revista, folheava e tornava a fazer o mesmo mecanicamente.

— Olá, menina!

A voz de Clarice sumiu. Seu coração disparou, seu corpo ingressara em uma nova revolução, estava leve e em paz, mas não respondia ao seu comando. Não conseguia levantar-se da poltrona. Seus olhos fitavam a imagem daquele jovem que não correspondia àquela gravada em sua memória.

A mão estendida do padre, em reverência ao encontro entre pessoas, aguardava no ar, vazia. Finalmente, seu corpo saiu da inércia, desajeitado, e como um ferro atrás de um imã, se lançou em direção ao padre. Os braços se entrelaçaram.

As células do corpo de Clarice trocavam energia com as do visitante. Leôncio se sentia como a única tábua de um naufrágio, dada a força do abraço.

— Menina, devo confessar que esse foi o primeiro abraço real que tive em toda a minha vida.

— Clarice ainda não conseguia ouvir nada. A facilidade com que deixava fluir seus sentimentos, sufocando a razão, parecia fazer com que todos participassem da sua euforia, e a recuperação dos sentidos levou algum tempo para acontecer depois do prazer vivenciado.

— Podemos nos sentar? — Convida Leôncio, assumindo a posição de anfitrião.

— Claro, padre.

— Me chame de Leôncio, prefiro.

— Você está diferente! — observa Clarice.

— Pois é. Não gosto de ter uma identidade visual. Procuro sempre variar com os recursos que tenho. Barba e cabelo. Ora estou de cavanhaque, ora careca, ora barbudo e cabeludo. Enfim, me certifico, quando olho no espelho, de que um outro homem surgirá fora de mim. Isso me ajuda a mudar, me transformando.

— Puxa! Que transformação! — As palavras saíram sem passar pela razão de Clarice, que, até o momento, lutava para manter o controle.

— Aceitei o teu convite porque, naquela tarde de sábado em Itanhaém, percebi que queria falar comigo e não sei qual o motivo, fiquei curioso.

— Não sei por onde começar, mas tive um sonho muito estranho que me parecia real. Nele, surgiam algumas frases soltas, sendo que já me deparei, na realidade, com duas delas. Uma foi lá na cantina, em uma foto de pescadores.

— Qual era a frase? — indagou Leôncio, interrompendo a narrativa.

— "O terceiro desequilibra" — responde Clarice.

Leôncio faz cara de espanto com a surpresa da revelação e, na tentativa de obter mais informações, indaga:

— Era uma foto com um casal e um barco ao fundo?

Dessa vez, Clarice é que se surpreende.

— É, isso mesmo. O senhor já viu aquela foto?

Leôncio não aguenta e solta uma imensa gargalhada misturada com temor.

— Aquele casal faleceu em um passeio de barco, na tentativa de ajudar um pescador, cujo barco afundara. Quando eles puxaram o pescador para dentro de seu barco, ele virou, e os três morreram — explica Leôncio.

— Mas e a frase? — questiona Clarice, fazendo com que o evento das mortes fosse o menos importante.

— No encerramento de um congresso de física sobre mecânica quântica, que fizeram no clube de Itanhaém, fomos até a cantina fazer as despedidas típicas desses eventos. Estávamos discutindo sobre a atuação das forças invisíveis, principalmente da terceira, aquela do desequilíbrio, quando veio em minha mente a estória do casal. Fui até a parede, retirei o quadro e, com uma caneta tinteiro, escrevi, por cima do nome do barco, a frase que você leu.

A revelação de Leôncio deixou Clarice bestificada. *Como ele sabia da terceira força, a do desequilíbrio?*

— Menina, — continua Leôncio — os fatos reais são esses que acabo de relatar. No entanto, se abstendo da religiosidade, o seu sonho, a frase na foto e o nosso encontro podem ser explicados pela sinergia. No congresso, fizemos vários experimentos com essa técnica, e você é a prova concreta de que ela funciona. Nunca imaginou o telefone tocando e ele respondeu de pronto? Já esteve em lugares novos, com a sensação de já tê-los conhecido previamente? E a frase produzida pelo seu cérebro dita por outra pessoa?

— É verdade. Isso acontece muito comigo. Meu marido me leva nas reuniões de negócio, pois acha que tenho o dom de conhecer as pessoas de imediato. Segundo ele, nunca falhou.

— Acredite, Clarice, minha vida é composta de letras. Nasci para a leitura. Li bastante sobre esse assunto e acho que você devia fazer o mesmo. Posso te ajudar nas recomendações literárias, encurtando caminhos. Posso, ainda, introduzi-la como assistente

em nosso grupo de trabalho. Desenvolvemos técnicas e aperfeiçoamos métodos, embasados pela ciência, em busca da compreensão desses fenômenos.

— Adoraria fazer parte desse grupo.

A acentuação silábica dessa frase deu a sensação ao padre de Clarice estar implorando para ser aceita no grupo.

Clarice tinha paixão por esses assuntos, e Leôncio tinha feito uma leitura acertada sobre a sua nova assistente.

— Você pode se considerar nossa caloura — brincou Leôncio, passando suavemente sua mão sobre a cabeça de Clarice, que respondeu com um beijo em sua outra mão.

— E o resto do sonho? — perguntou Leôncio, trazendo a conversa ao seu rumo.

— A segunda frase estava grafada no verso de um comprovante do estacionamento da prefeitura de São Paulo — revela Clarice.

Leôncio, de súbito, pega no braço de Clarice e a levanta.

— Vamos a esse estacionamento imediatamente — propõe ele.

Clarice em hipótese alguma queria se privar daquela agradável companhia. Sem hesitação, acompanhou o padre até o táxi, estacionado na porta do hotel.

— Palácio das Indústrias — ordenou Leôncio ao motorista.

No caminho, trocaram informações sobre a experiência existencial de cada um. Leôncio, revelando sua constante busca pelo autoconhecimento, e Clarice, sobre sua curta carreira na medicina.

No estacionamento, Clarice procura pelo atendente e encontra um rapaz que nada se parecia com aquele senhor do dia anterior.

— Estive ontem aqui, e um senhor moreno de cabelos brancos tomava conta desse estacionamento. Você sabe onde posso encontrá-lo? — Clarice fez a pergunta olhando ao redor daquele terreno, procurando pelo autor da frase.

— A senhora deve estar enganada. Aqui nunca trabalhou alguém parecido com sua descrição — respondeu o jovem atendente, para a surpresa de Clarice.

— Tem certeza? Não é possível que alguém de outro setor estivesse substituindo o funcionário de plantão? — Clarice sabia formular questões de modo a satisfazer por completo seu ego investigativo.

— Pode ser. Vou verificar. Por favor encoste o carro ali naquela vaga — indicou o rapaz ao motorista do táxi.

— Digão! Vem cá, Digão! — gritava o jovem para um menino que vendia quebra-queixo na calçada. — Ontem você estava vendendo aqui? — pergunta, acompanhado pelos olhares de Clarice e Leôncio.

— Estava, sim — respondeu o garoto. — Por quê? — indagou, com um português falado nos guetos.

— Essa senhora aqui disse que ontem tinha um senhor moreno, de cabelos brancos, tocando o estacionamento. Você viu?

— Vi, sim. É seu Genésio. Ele me dá água para beber. Me deixa abrir a torneira. Má num sei onde tá, não! Deve tá embruiado lá dibaxo. — Apontou para o viaduto, anel que passa próximo ao palácio.

Leôncio e Clarice se dirigiram ao local indicado pelo

menino. No caminho, Leôncio perguntou qual era a frase contida no verso do bilhete.

— Mundo vivo — respondeu Clarice. — Mas no meu sonho, a frase era "Todo Universo é vivo".

— Não se preocupe com a exatidão, depois te explico melhor — observou Leôncio.

Clarice parou por um instante, procurando entender aquela arquitetura. Vários barracos de madeira sustentavam o viaduto.

Uma visão surrealista. Era uma minicidade de celulose, espalhada sob a imensidão de concreto. Ali, conviviam, em paz, todas as religiões, raças e crenças. Não havia bancos, contas a pagar e responsabilidades. A vida fluía, embora na miséria. *O tempo*, pensava, *não distinguia ninguém, era o mesmo para todos. Passava com indiferença e sem privilégios.*

— Menina... e agora, como vamos achar Genésio no meio de tantos barracos? — A indecisão de Leôncio sobre como procurar abriu um espaço, de imediato, ocupado por Clarice.

Uma senhora grávida de uns oito meses e rodeada por 12 crianças de cabeça raspada, *talvez pelos piolhos*, pensava acertadamente Clarice, veio ao encontro dos dois.

Aquela senhora despida do quadril acima, com os seios secos e disformes sobre a enorme barriga vindo ao seu encontro, golpeou os sentidos humanitários de Clarice.

— A senhora pode me dar uma ajuda? Hoje, ainda, não conseguimos o suficiente para um prato de arroz. — A voz era melancólica e sabedora da compaixão que as pessoas sentiam quanto à submissão que o som

gutural provocava. A cena era terrível.

A meiguice de Clarice era voluntária e espontânea. Não podia presenciar cenas como essa. Os atores levariam tudo o que ela possuía. O ódio que sentia da sociedade hipócrita se manifestava na incoerência de seus atos, que até a senhora grávida estranhou.

Abriu a bolsa e pegou todo o dinheiro que tinha. Tirou o sapato e simulou retirar a camisa, sendo imediatamente interrompida pela pedinte. A dignidade era exercida também na miséria.

Leôncio sabia que o estado de submissão era irreversível quando praticado e que não havia agressão maior do que oferecer uma roupa do próprio corpo, revelando a nudez, que, por ética, na miséria, era respeitada e sagrada. Não havia ensinamento sobre essa atitude. Acontecia simplesmente. Uma espécie de código de conduta não experimentado pelos escolhidos. "Desarmar" era a palavra. Se alguém se adianta, acertadamente, no *script* de uma relação, deixará confuso e sem ação o agente do ato.

Seria como entregar ao ladrão, antes mesmo do assalto, tudo o que ele havia imaginado ter, sem proferir nenhuma palavra. É desconcertante e imprevisível. Newtow dizia que a toda ação corresponde uma reação igual e contrária. Nesse caso, a reação vinha antes da ação, não prevista pelo filósofo. O futuro era aspirado pelo presente, tornando a cena fora de época, surpreendendo seus agentes. Foi o que Clarice fez.

Adiantou-se nas solicitações da moça, refletiu Leôncio.

Lembrou, quando era capelão de um presídio, dos códigos que os detentos estabeleciam instintivamente.

Não era escrito, era praticado, e todos conheciam. Era permitido matar para sobreviver, mas torturar a vítima era imperdoável. E se a tortura entrasse na esfera sexual ou na relação familiar, não havia remédio. Era morte certa.

Aqui, na boçalidade humana, morrer é um castigo. No entanto a morte é uma dádiva cósmica. Como todos têm medo dela, é explorada e praticada como sinal de obediência. O egoísmo humano é prisioneiro dessa certeza. Sabe que vai morrer, mas teme e se sujeita às ameaças. A morte, pelo contrário, não é um sofrimento. A tortura, sim. O sentido exato do código era o banimento da covardia, mais precisamente, da defesa.

Quando a vítima não possuía recursos para defesa, e o delito era executado, o autor do ato certamente iria morrer. Não se admitia atos de covardia nos presídios. Um homem ou mulher não podiam ferir uma criança. A lei da desvantagem, criança indefesa, era punida com rigor. No crime, a lei dos presídios prevê a defesa em iguais condições físicas e intelectuais. No fundo, o padre Leôncio concordava com essa premissa de vida nos presídios.

Clarice indaga à senhora grávida sobre o paradeiro do senhor Genésio.

A senhora indicou um barraco bem no início da elevação do viaduto. Entre corredores de latas de cerveja, papéis e papelões, Clarice chega ao seu destino.

— Senhor Genésio? — Dirige sua voz para uma manta de jornais, que, sobre um corpo, aquece a velha máquina divina, transmitindo energia para manter acesa a pequena chama de vida que ainda resta naquele homem.

A cada folha do jornal, retirada pela mão grossa e certeira daquele corpo, Clarice recordava as Leis e os Estatutos escritos pela sociedade escolhida. Um simples gesto tornava inútil todo aquele monte de letras.

— Sim? — Genésio procurava os óculos.

— Meu nome é Clarice, e esse é o padre Leôncio — apresentou Clarice.

— Pelo amor de Deus, não quero participar de nenhum programa eleitoreiro da prefeitura — despachou Genésio, sabendo da presença do padre.

— Calma — interveio Leôncio, sabedor dos programas promovidos pela Prefeitura. — Não sou de programa algum. Viemos aqui para fazer algumas perguntas.

— De novo! Não aguento mais esses institutos de pesquisas. Antigamente, vivíamos tranquilos, debaixo das pontes. Hoje somos alvo da sociedade remorsal, que não nos deixa em paz. Adoro essa vida e quero viver assim.

— Só depois dos 60 anos descobri a essência dela, que é essa que levo. Existe um monte de programas para nos tirar dela. Quando encontro a paz absoluta, vem os de fora, piedosos, achando que merecemos vida melhor. Querem me introduzir novamente no inferno, que é lá fora. A vida de vocês só pode ser resumida nessa palavra. Não estou interessado nas suas perguntas. Procure um outro trouxa para responder.

— Genésio, não é nada disso. Queremos saber sobre uma frase, talvez escrita por você, que encontramos no bilhete do estacionamento.

Genésio, por um instante, se aquieta, e seu corpo se agiganta perante o padre. A estatura dele chegava aos

1,90 m. Seus músculos, rígidos, enganavam a idade.

— Esperei a vida toda por esse momento. Escrevi mais de um milhão de vezes a frase no verso daquele papel. Mas ninguém estava ligado nela. E nunca apareceu um sujeito indagando por ela. Minha fé se resume nessa frase. Finalmente alguém a observou e veio a mim para questionar. Há, na humanidade, pessoas preocupadas com pequenos detalhes, como o pequenino núcleo de um átomo que faz uma explosão imensa. Descobrir essa simplicidade é extremamente complexa. Minha vida foi uma tremenda baboseira. Restaurantes, roupas de grife, carros, mulheres, dinheiro e intelectualidade, aliás, a grande culpada de tudo. Mas no fundo, era um imenso vazio, só ocupado com a leitura. Fui um rico infeliz, e hoje sou um miserável feliz. Tanto esforço e tantos anos para tirar o prefixo "in" da palavra.

Leôncio tinha a certeza de estar diante de uma pessoa culta e observadora.

Lembrou-se de Jesus, filho de carpinteiro. De Moisés, escravo. De Buda, de Maomé e outros. Sabia da simplicidade dos ensinamentos e da deturpação dos escribas, que manipulavam as palavras de acordo com os credos da época.

Sabia também que nenhum milionário ou rico de toda a história tiveram tanta relevância social quanto as figuras miseráveis. Era uma incoerência descabida. O poder econômico que movia o mundo não conseguia estar no topo da evolução social. Uma constatação simples e desapercebida. A falta de evidência desse fato levava os humanos a acreditarem na sua qualidade previsível e infalível. A mente de Leôncio efervescia.

No entanto a história insistia em revelar o contrário.

Refletia. Era tão simples a análise que, por si só, merecia seu desprezo. O tempo, para quem contempla as estrelas, é caótico, se for acompanhado da explicação de que as luzes que vemos cintilantes lá em cima jazem há muitos anos. Nessa ótica, vivemos no passado em relação à luz emanada de uma estrela que no tempo real já morreu, no entanto vemos sua luminosidade percorrendo o cosmo. Podemos dizer, sabendo desse fato, que aquela estrela ressuscitou ou pela limitação da espécie, que o que vemos não é realidade presente. Se o futuro daquela estrela dista do nosso presente cerca de milhões de anos, podemos afirmar que o universo presenciado pelos olhos humanos é uma fração do seu longínquo passado, portanto, um holograma muito, mais muito antigo. Concluindo, em relação ao universo, vivemos no passado. Por mais futuro que tenhamos, ainda assim, seremos parte presente do seu passado. O atraso, explicado pela física, nos remete ao planeta mais insignificante do universo. Para quem lá viver, nós não existimos. Somos apenas história ou experimento malsucedido, abandonado e esquecido. A raça patinadora não consegue dar um passo à frente sem voltar alguns atrás. Em nenhuma Universidade ou lugar de ensino existe a disciplina "Futuro". Todas unânimes ensinam história. Uma forma de nos manter no passado. A ameaça que vivemos em relação à guerra atômica tem a ver com a extinção de uma espécie que não deu certo.

O ser humano é o robô mais imbecil que um aspirante à engenharia genética conseguiu construir. Se o nosso Deus existe, deve estar no primeiro estágio da evolução cósmica. Outros Deuses devem estar

arrependidos de suas experiências, e não foi por falta de aviso. Sua criação não correspondeu às diversas escrituras. Continua o mesmo, mesquinho, intolerante e absoluto como senhor do Universo. Somos o protótipo que não deu certo nos experimentos universais. Em uma macro visão, uma massa que apodrece e encolhe por ausência de fermento intelectual. Um ser que mente a si mesmo não se conhece e morre ignorante e sozinho por pura estupidez, aliás, marcante na espécie. A mixagem de vários conhecimentos e aprendizados de Leôncio o tornara cada vez mais cético. Sua condução lógica de raciocínio científico o deixava perturbado e amedrontado. Os pensamentos vinham naturalmente, e ele não conseguia impedi-los.

Clarice, curiosa com Genésio, queria saber mais sobre aquele homem naquelas condições.

— O Senhor está aqui há quanto tempo? — pergunta, se aproximando de Genésio.

— O suficiente para me integrar às pessoas que aqui residem.

Genésio não gostava de questões como essa.

— Desculpe se fui enxerida. Mas ainda não compreendi o motivo do senhor estar aqui — insistiu Clarice.

— Acho que não devo responder. Para que quer saber? Estou aqui porque quero! — Fulmina Genésio.

— É que o senhor contrasta com as pessoas que aqui vivem. E é estranho alguém como o senhor viver aqui. — Clarice não aceitava aquela situação. O seu instinto lhe informara que algo de errado pairava no ar com Genésio.

— Posso não ser aquilo que você tem em mente

como excluído. Acho que você precisa dar uma revisada nos seus conceitos sobre o perfil dos moradores de rua. Somos o que aparentamos, no entanto cada um de nós carrega um baú cultural-regional lacrado de verdades e decepções. Acontece que essa arca que carregamos está desequilibrada. O que vocês veem é somente a carcaça. E quando ela parece suja e fora dos padrões, querem primeiro nos higienizar, para depois investigar o conteúdo depositado no baú. Como se a sujeira ou modo de vestir influísse em nosso pensamento e maneira de ser. Quando o seu filho defeca e mija na fralda após o jantar, com a cara toda suja, é classificado como nós? Só por que ele é seu, sujo daquele jeito, é que vale? O que é mais fétido, a sujeira escondida do pensamento ou a revelada nas vestes de um puro?

Clarice compreendeu de imediato a mensagem daquele homem. No fundo, achava que a alma da pessoa nada tinha a ver com a maneira de vestir ou o asseio. Como médica, trabalhava no meio da sujeira e se acostumara a estar atenta com os sentimentos do paciente que, muitas vezes, era impotente em relação à assepsia. Os enfermeiros executavam muito bem essa função.

— Senhor Genésio, gostaria de conversar com a gente sobre o bilhete em um lugar mais adequado? — convida Clarice, com um olhar irresistível.

— Só se for debaixo de um chuveiro. Este calor está de matar. — Genésio negocia.

— Se o senhor não se incomodar, podemos ir até o hotel onde estou hospedada. Tem uma ducha supergelada. O que você acha, Leôncio?

O convite de Clarice excitou a porção do cérebro de

Genésio que trata da alçada sexual. Mas foi por pouco tempo, pois o corregedor celular desoxigenou imediatamente aquele resto de células.

— Quero deixar claro que estou aceitando o convite por gratidão à descoberta da minha frase. Vocês são merecedores do compartilhamento da minha pequena e involuntária cultura.

Genésio se sentia incomodado com a presença dos dois, mesmo assim, achava interessante e não tinha nada a perder. Seria uma nova experiência em seu objetivo.

O táxi aguardava no estacionamento. Os três caminhavam em silêncio, esperando a deixa para dar continuidade à conversa. Mesmo dentro do veículo, ninguém ousou proferir uma palavra. Os olhares insistiam em não se encontrarem. O silêncio era individualista e íntimo. Tão egoísta quanto um motorista brasileiro, onde a via é sua, e por ela transita proprietário e soberano.

Genésio entrou no saguão do hotel avisando que aquilo era uma aposta: por isso estava vestido daquele jeito. Sabedor dos preconceitos em relação às vestimentas, confundiu o recepcionista, que, vendo o padre e uma moça distinta, logo deu crédito ao homem de bem, disfarçado de mendigo. Mas a cor, grande força do preconceito, delatava a farsa, autorizada pelo sorriso de Clarice, que, de imediato, trouxe à mente do recepcionista que aquele terno bonito não era seu e que sua roupa, se revelada, igualaria sua miséria em relação ao mendigo. Apenas a cor não combinava com o cenário. Mas a aprovação do branco eximia-o das responsabilidades descritas no manual de conduta funcional.

Clarice, nesse momento, lembrou do paciente, alto executivo da Olivetti, contando uma história semelhante à cena.

Jovem, roupa da moda e um produto irresistível para época: máquina de escrever elétrica. Zona cerealista de São Paulo.

No alto da pilha de sacos de milho, um senhor malvestido na posição horizontal. Em baixo, o paciente vendedor tentando fazer sua primeira venda. Após vários minutos de demonstração do produto, ouve uma voz vinda lá de cima, fazendo um pedido para comprar mil e tantas máquinas. O jovem olhou com desconfiança para aquela figura desdenhosa e fingiu fazer o pedido, apressando-se para se retirar daquele "antro". Conclusão: aquele homem na horizontal era dono de metade da zona cerealista de São Paulo e um grande cliente da empresa. O jovem foi advertido e induzido a pedir desculpas. "O traje nem sempre é a embalagem de um bom produto". Clarice adorava a hipocrisia humana. Sabia muito bem lidar com ela, no entanto muitas vezes sentia-se atemorizada pelo veloz crescimento dos adeptos dessa velha filosofia.

Contornado o problema do mendigo vestido de mendigo, Clarice e o padre Leôncio aguardam ansiosos, na saleta do quarto, o final do interminável banho de Genésio.

Um outro homem surge no vão da porta do banheiro. É Genésio, despido de sua farsa. Barba feita e cabelos penteados remoçaram o ex-mendigo.

— Puxa, que transformação! — comenta, irônico, Leôncio, fitando Clarice.

— Há muito tempo que não tomo um banho desses — murmura Genésio.

— Sempre há um tempo que aniquila o muito — filosofa Clarice.

— Pois é, renovei a carcaça, mas continuo o mesmo — brinca Genésio. — Parece meio estranho, mas gostaria de revelar minha função sob aquela ponte. Trabalho em um jornal que é uma loucura. Todo mundo lá é estressado. A busca por uma grande matéria faz a gente se sacrificar muito. Hoje, não está fácil. Minha pauta exigia viver no meio daquelas pessoas. Não foi escolha minha. Depois de trabalhar em vários setores do jornal, entendi o significado da "grande matéria". Percebi que o individualismo humano é espetacular. Culmina na desgraça dos outros. Mesmo o cooperativismo tem como missão a ascensão do uno. Um grupo para um mesmo objetivo só existe quando as metas para o atingir estejam de conformidade com as pretensões individuais. Enfim percebi que a tônica jornalística é fundamentada na observação dos fenômenos humanos. A frase que escrevi no bilhete do estacionamento foi apenas uma anotação para minha matéria. Jamais imaginei que iria tomar esse rumo.

Leôncio observava a silhueta de Clarice, que demonstrava desagrado e decepção. A busca tinha sido em vão com ele e Genésio.

Se solidarizava com ela nesse sentido, no entanto tentava entender aquela força que movia Clarice em busca do significado das frases do sonho. A mesma que o move há muito tempo. Lembrava de que o tempo passava rapidamente, e a angústia pelo entendimento

da vida se intensificava.

— É muita coincidência, não pode ser — lamentava Clarice.

A frase na foto e no guardanapo tinham que, efetivamente, para a insistência de Clarice, ter uma conexão com o seu sonho.

— Estou me abrindo — diz Genésio. — Percebi que vocês realmente não são das ONGs ou da prefeitura. Toda a encenação que fiz, queria me desculpar, foi em razão do assédio quase que diário desses órgãos detentores da verdade que não deixam ninguém viver em paz. Estou há dois meses morando debaixo daquele viaduto para escrever sobre os atores daquela vida. É engraçado e, por vezes, constrangedor receber a visita de pessoas que se acham absolutas quanto à maneira correta de se viver. A dificuldade em escrever a matéria está em meu envolvimento efetivo com os nômades, como chamamos. A liberdade é interrompida com a presença dessa gente. Eles se acham no direito de dizer qual deve ser a sua vida. Todos que conheço são pedintes e catadores de papel. A maioria tem família e cuidam bem um do outro. É a confraria dos anarquistas silenciosos. A única preocupação é com a comida e nada mais. Não há nenhum compromisso além desse, existencial. A ambição é risível. É como acampar em definitivo. A vida é apenas locomoção e observação. Mandei alguns ensaios para o jornal com a frase que você leu como título, e até agora não publicaram. Não gostaram da minha opinião sobre a vida dessas pessoas. Relato em uma matéria que a maioria deles já participaram de vários programas de ONGs e prefeituras, mas sem nenhum resultado aparente. Gostam

da liberdade e do álcool. São inofensivos e utilizam as crianças nos cruzamentos para vender ou pedir. Elas, crianças, gostam de se sentir adultas. É a imitação dos adultos na vida real.

— Mas... e as doenças, higiene e educação? — indaga Clarice.

— Como nômades, a educação é o movimento, deslocamento e observação. O estado da comunidade é, para nós, uma doença crônica, e pra eles, um desconforto assimilado com o tempo. A higiene é alertada quando o padrão adotado pela comunidade for superado pelas circunstâncias. Tudo é uma questão de conceito. Lá não há lar em definitivo. Tudo é passageiro. São ciganos naturais revelados pela sociedade. As crianças não vão à escola, não há endereços, tampouco documentos. Eles são, simplesmente.

— Já passei por várias ONGs como condutor desses programas — interrompe Leôncio, sob o olhar admirado de Clarice. — Me sentia como uma máquina em uma indústria. Havia um projeto desenvolvido e aprovado por sociólogos e intelectuais, cujo público-alvo eram as crianças carentes. Após uma seleção criteriosa, os meninos e meninas participavam de ações previamente estabelecidas para resgatar a autoestima. Eram convidadas a participarem de oficinas de dança, música, arte e cultura. As crianças adoravam essas atividades. No entanto cada uma era um pequeno universo de cultura a ser moldado pelo processo estabelecido pelo programa. O princípio era o de trazê-las para uma vida mais digna e socialmente correta. Os resultados eram tímidos, pois eles, os atores, não eram consultados sobre o que queriam. Minha divergência

nesse processo era essa. As ONGs sabiam do que era preciso ser feito sem consultar as crianças. Os sociólogos e pedagogos imaginavam uma vida melhor para essas crianças sem ao menos conhecê-la na pele. Era um laboratório industrial. As ações formavam uma caixa-preta que possuía uma porta de entrada, o processo e uma porta de saída. Os indivíduos entravam cabisbaixos pela porta de entrada, recebiam as ações e saíam pela porta de saída de cabeça erguida, com a autoestima extremamente elevada. Essa era a visão do modelo para quem se envolvesse no projeto.

— Nossa, Leôncio, me dá a impressão de uma fábrica! — Clarice interrompera Leôncio, pois veio à sua mente a discussão que tivera com George quando ele contou sobre o projeto *Bell-Y*. George era convicto do individualismo humano e crente quanto à ambição. Dizia que todos na terra estavam em busca dos bens materiais e no acúmulo de riquezas.

Apontava a história como a testemunha dos seus argumentos. Guerras e guerras silenciosas eram travadas todos os dias. Clarice sabia que o quadro que Leôncio descrevera iria piorar, e muito, quando o projeto *Bell-Y* entrasse em operação.

12. UM ANO DEPOIS

George havia conseguido, em Santos, a Ilha das Cobras, para a instalação do projeto *Bell-Y*. O lançamento estava por acontecer e seria na cidade de Las Vegas, no estado de Nevada, USA.

Clarice, nesse tempo, fez visitas regulares ao grupo de estudos do padre Leôncio e se dizia mestre na arte de compreender. A convivência com o grupo trouxe uma aproximação mais afetiva entre Leôncio e Clarice, como o ópio a um dependente. George achava que aquilo, de certa forma, mantinha Clarice ocupada, deixando-a um pouco distante dos acontecimentos da organização. Sabia que a contratação da empresa da Mariana deixaria Clarice furiosa, já que o alertara sobre as intenções daquela moça. Os 16 funcionários contratados, inclusive os da empresa de Mariana, fizeram estágio de seis meses na Matriz e assinaram contratos rígidos de sigilo. Nada podia ser divulgado enquanto o projeto não fosse consolidado. Mariana se revelou muito competente e entusiasta, ao ponto de tirar nota máxima no final do estágio, despertando ciúmes em alguns colegas. Tinha uma capacidade de aprendizado fora do comum. O pessoal da matriz a queria, mas ela jamais abandonaria sua pequena empresa e seus amigos santistas. Era decidida, determinada e ambiciosa, sabia exatamente o que queria. Não media esforços para manter a liderança no conhecimento do projeto, superando as expectativas de George, que, orgulhoso, mas temeroso, mantinha Mariana sob vigilância constante, já que a concorrência podia descobri-la, aguçando sua

ambição. A curiosidade de Mariana a deixava ansiosa, e ela não via a hora da chegada das festividades do lançamento.

Queria saber o que tinha de tão sigiloso naquele projeto.

As reuniões entre Clarice e o grupo de Leôncio aconteciam em uma casa localizada entre Itanhaém e Peruíbe, de frente para o mar, em um terreno enorme com muitas árvores e jardins. Havia, nos fundos, uma piscina retangular e um campo de futsal gramado.

O acesso ao imóvel era feito por uma rua deserta e de difícil localização. O isolamento era absoluto.

Toda reunião era precedida com um ritual acompanhado do "Itaua", uma bebida utilizada por uma tribo do xingú, quando Leôncio lá esteve, e que abolia toda a razão dos humanos, despindo a personalidade dos participantes. O curioso é que a bebida não causava dependência apenas por algumas horas, ela relaxava e mantinha o grupo sereno, verdadeiro e dócil. Clarice, como médica, percebera que aquela substância eliminara por completo seu desconforto mensal. O gosto assemelhava-se à terra com gengibre. Faziam parte daquele grupo, além de Leôncio e Clarice, um ex-senador da república, um ex-desembargador, um psiquiatra, uma escritora, quatro psicólogas e um advogado. Os assuntos para a reunião seguinte eram discutidos e acordados na reunião anterior, e todos versavam sobre a natureza da raça humana. Havia um secretário que gravava, em meio magnético, todas as falas dos presentes. A fita era reproduzida e entregue a cada participante. Clarice se orgulhava de pertencer e estar com aquelas pessoas com grande cultura e conhecimento

geral sobre a espécie, era a mais jovem, neófita, como diziam.

Não era permitido a mentira e tampouco ser prolixo. Tudo era direto, objetivo e pragmático. As opiniões eram francas e despidas de qualquer preconceito.

— Acredito que o amor é uma invenção humana — observa uma das psicólogas, fazendo a abertura de mais uma reunião. — A família é um conceito do passado. Hoje, as meninas ficam com os rapazes apenas para se conhecerem, e ficar significa ter um relacionamento laboratorial imitativo de família. O sexo é uma experiência natural e sem preconceitos. Amando ou não, é praticado sem culpa. As relações entre os indivíduos são mais verdadeiras, maduras e com vasto conhecimento da poligamia. Os jovens procuram na parceira encontrar a felicidade imaginária, que, quando alcançada, os remete a novas parcerias, em busca de outras felicidades, e assim por diante. A satisfação é a motora dessa busca, porém não é resoluta em si. Estar satisfeito não é estar vivo. Nada mais preguiçoso do que ela. No entanto essa busca necessita de energia, e ela se definha ao passar dos anos, trazendo à reflexão de que não há o que se buscar a não ser viver o presente e sentir a emoção. A lembrança é ineficaz, pois não é acompanhada pela emoção. Apenas lembramos, mas é impossível senti-las. O momento mágico será mágico quando egoistamente saboreado, e não quando recordado. Impor ao parceiro um rumo é estabelecer leis que serão descumpridas. Nada é pior do que a direção. O comportamento pode ser dirigido, mas o pensamento...

— Isso é metafórico — interrompe o

ex-desembargador. — Mas é o que todos almejam.

Gargalhadas e aplausos soam ao longe, talvez pelo efeito daquela erva. Já no meio da roda, o ex-desembargador convida os participantes a fazerem o exercício de sensibilidade programado para aquele dia. Todos deveriam se cobrir com um lençol, de tal maneira que um não veria o outro. Com um fundo musical, a busca pelo autoconhecimento da sensibilidade, através do toque, seria iniciada. Primeiro se colocava o lençol sobre a cabeça, depois tiravam a roupa.

Andando vendado, cada um deveria tocar e explorar, sob o lençol, o corpo do outro. Antes, era servida mais uma dose do "Itaua". Começa a música, e cada um, sob o lençol, procura, pelo tato, desenvolver a sensibilidade, tocando o seu parceiro escolhido ao acaso. Clarice adorava esse exercício rumo ao desconhecido. O vento penetrava por debaixo do lençol, mantendo um frescor extremamente agradável. O corpo nu protegido por aquele pano fino era o suficiente para excitá-la. Andando sem rumo, com os braços estendidos para a frente, procurava o primeiro toque com alguém. A cena era engraçada, imaginava, quem estivesse no alto veria pessoas sobre os lençóis andando a esmo feito fantasmas. Todos com os braços estendidos, fazendo das mãos o alongamento dos olhos. Qualquer toque que ela recebia, sem saber de quem, a arrepiava. De repente, do nada, um toque. A emoção era maravilhosa. Não importava a raça, idade ou sexo, o que se tinha que observar era se a recepção dos sentidos fluía com ou sem preconceitos. Normalmente o convidado investigava primeiro o rosto e a cabeça, na tentativa de identificar e saber quem era o parceiro, uma atitude

avessa ao exercício, já que a ideia era conhecer o corpo, e não seu dono. Uma mão curiosa decide investir sob o corpo de Clarice, que espera ansiosamente pela descoberta. Procura sentir o cheiro, que, por debaixo do lençol, é impossível. Aquela mão suave intriga Clarice, que desiste da identificação e parte para a sensibilização. A mão tangencia sua coxa. Seu líquido lubrificante começou a sinalizá-la, assim como o estômago se prepara para a digestão. A mão circundava seu eu com tanto afeto que a correspondência ao carinho se revelou imediatamente. Por intuição, sabia que era um carinho feminino. Desesperadamente procurou se certificar, apalpando os seios daquele corpo convidado. A ação autenticou sua intuição. Era uma mulher. Sem nenhum constrangimento, Clarice retribuiu o carinho na mesma moeda. Suas pernas começaram a tremular, lançando a parceira ao chão de areia fina e fresca, mantendo o lençol sob o corpo e a convidada sob o pano.

Clarice adora descobertas por novas experiências. Por isso permanecia no grupo, já que não havia responsabilidades ou cobranças.

Após o exercício, todos comentavam suas experiências. Era muito difícil o relato, já que todos tinham um lado perverso culpado pela sociedade. Mas Clarice era diferente, gostava do novo e desconhecido. Achava que aquele exercício separava o corpo do indivíduo. O gênero era nulo. O toque era absoluto. Ser molestada, sem saber por quem, despida e com consentimento, afetava a razão de qualquer espécie. No entanto o chá amenizava a ansiedade. Não havia sinais de culpa.

No dia seguinte, apenas a lembrança, o forte desejo de retornar à reunião e a obrigação formal de

acompanhar George até Las Vegas para o lançamento do produto.

Las Vegas. Nevada. Estados Unidos.

No aeroporto internacional de Los Angeles, Califórnia, USA, aguardam, ansiosos, pela chegada de Clarice e George, o pessoal de desenvolvimento de sistemas da Bell.

Uma limusine prateada e confortavelmente longa aguardava o casal para a viagem a Las Vegas.

Clarice tinha uma enorme paixão pelo deserto de Nevada. É aridamente emocionante e secamente agradável.

Sua ansiedade de fugir daquela multidão e se entregar ao silêncio do deserto a emudeceu. Seu ponto de ruptura social se localizava bem no meio do deserto.

Lá, há um enorme *outlet* de roupas de grife que, como miragem, faz os veículos desviarem sua rota para o seu interior.

Os lábios, sem aviso nenhum, secam e iniciam uma guerra celular com o meio ambiente. A luta é desvantajosa. E ele, o meio ambiente, é sempre vencedor.

Clarice ria dessa contradição biológica. O calor é estranho, e o azul do céu é magnífico. O terreno, montanhoso, formado apenas por pedras e areia, nos leva a um outro mundo isolado e silencioso. A reflexão de Clarice tangenciava a paranoia.

Não há um único ruído a não ser o do vento e o do sapato sobre as pedras.

O *outlet*, horizontalmente projetado, dá a impressão de que figuramos compulsoriamente em um filme de Felini. A cenografia é impressionante.

Não há nada além do alcance da visão do que aquela

estrutura capitalista. Fitava George e sorria.

Lembrava de que a água é o tesouro naquele território extremamente seco. É referenciada e homenageada a cada pavilhão do *shopping*.

Apenas naquele quadrilátero, o ar é húmido. É o ópio do deserto. Fazia analogia com o chá das reuniões.

Na divisa dos estados da Califórnia e Nevada, a visão de que um novo mundo nos será apresentado é indescritível.

Tudo é monstruoso e dirigido ao lazer. É o antônimo da modéstia humana. Clarice se incomodava com a descrição que fazia a si mesma da paisagem através do vidro fosco da limusine.

Era impulsivo e fora de controle. O cérebro jorrava visões e pensamentos da cena em exposição. Clarice apenas deixava fluir. Não tinha como conter. Era divertido.

Las Vegas era um enorme parque de diversões, onde os adultos realizavam suas fantasias infantis. Ria consigo mesma.

Tentava controlar os pensamentos, direcionando-os para a conversa que se desenrolava dentro da limusine entre George e o pessoal de sistemas da Bell, mas o assunto não atraía sua atenção diante da paisagem ferruginosa.

Uma leve sensação de angústia tomou seu humor. Inexplicavelmente, o assunto sobre o projeto veio à tona. A voz íntima de Clarice invocava que amanhã seria o grande dia.

A humanidade iria tomar conhecimento de um produto que transformará os hábitos e leis globais. O frágil estômago de Clarice ardia diante da ansiedade da

reação humana à notícia do projeto *Bell-Y*. *O que pode acontecer?*, indagava a si mesma. Lá fora, a paisagem mostrava sinais de civilização.

Monstruosas construções surgiam diante de seus olhos ofuscados por luzes intensas e piscantes. Era muito estímulo visual para a retina humana. Um colapso energético na cidade levaria o caos aos cidadãos que dependiam totalmente dela. Clarice repreendia seus locutores internos, que desenhavam na sua mente sarcástica cena.

O Hotel Bellagio foi o escolhido pela Bell para a acomodação do pessoal. Chineses, indianos, brasileiros e americanos se reunirão no dia seguinte para a apresentação da consolidação do projeto.

Todos saberiam, naquele dia, o que é *Bell-Y*. O salão principal do hotel fora reservado para a cerimônia de lançamento.

O evento se dará em duas fases, sendo a parte da manhã reservada somente aos funcionários e parceiros do projeto e a tarde para os convidados e imprensa.

O hotel é enorme e luxuoso. Possui várias ruas internas com lojas de grife, restaurantes de toda espécie e, é claro, máquinas de jogos por todos os lados, até no banheiro. É uma cidade edificada ao redor de muralhas.

Já no quarto, Clarice, desfazendo as malas, recordou do sonho, das frases, dos encontros, do milagre de Itanhaém e de Leôncio. Sabia que no dia seguinte uma grande notícia abalaria o mundo.

Não tinha a noção exata de como seria ao todo o projeto *Bell-Y*, mas o pouco que inferia pelas conversas com George a deixava preocupada com a reação da humanidade.

O sono demorou a vir. George, ansioso, já estava nos braços de Morfeu, roncando freneticamente.

O café da manhã era um *show* à parte. Mesas gigantescas acomodavam pães, frutas, sucos, bolos, bolachas, chás, café, leite, chocolates, carnes, frios e os famosos ovos com *bacon*.

Clarice e George, após o pequeno almoço, como dizem os portugueses, foram ter com a recepcionista do evento, que os encaminhou ao salão nobre do Hotel.

O ar seco da cidade já molestava os lábios de Clarice, que constantemente passava um batom protetor em si e em George.

O salão era ornamentado com muitas flores e cadeiras do século quinze. O pé-direito lembrava de uma catedral. As janelas com vitral coloridos desenhavam no chão pequenas peças triangulares graças ao efeito do sol daquela manhã.

Não havia nenhuma tela e nenhum equipamento de áudio naquele salão, deixando Clarice intrigada. Como seria a apresentação?

A empresa, no sentido de integrar as pessoas e parceiros do projeto, dispôs sobre os assentos das cadeiras um cartão com o nome de cada convidado, de tal forma que as nacionalidades presentes se mesclavam.

Essa configuração separou Clarice de George. Na borda do cartão, havia uma pequena placa de metal com uma presilha que indicava ser de uso na lapela.

No centro da placa, havia o logotipo da Bell e os dizeres "*Bell-Y Will be*" (Bell-Y seremos).

Pelo movimento do pessoal, Clarice observou que todos estavam colocando aquele símbolo em suas roupas. Havia mais ou menos 300 lugares naquele salão.

Todos ocupados pelos convidados.

As cadeiras foram dispostas em círculos, de maneira que a visão se concentrava no epicentro.

— Senhores e senhoras aqui presentes. Este é o maior momento de nossas vidas. Ficará marcado para sempre em todos vocês como a grande revolução humana. Meu nome é Paul Mcson, sou o presidente do conselho administrativo da Bell e gostaria de mostrar por que estamos aqui.

O silêncio era profundo, e a ansiosidade, marcante. Todos aguardavam pelo momento de ver o produto que por anos tornara-se um segredo. Paul, o presidente do conselho, retirou do bolso do paletó um aparelho parecido com um celular.

Deu um toque em um botão e, ao seu lado, surgiu o Presidente dos Estados Unidos. Clarice já havia assistido cenas semelhantes no cinema. Aquilo era a realidade da holografia.

O presidente estava sendo projetado ao lado de Paul, como se ali estivesse. A projeção era perfeita. Não havia tela.

A impressão que se tinha assemelhava-se a um fantasma, só que de carne e osso. Os convidados aplaudiram de pé, extasiados. O presidente andava de um lado para o outro acima do chão.

— Amigos da Bell — inicia o presidente dos Estados Unidos, para o espanto de toda a plateia, pois não havia microfone, tampouco alto-falantes no salão. — Este é o grande momento de nossas vidas. A paz finalmente reinará em nosso mundo. Graças aos esforços dos senhores e senhoras, chegamos ao dia em que a humanidade reverterá o processo de devastação ambiental,

das guerras e da criminalidade. A Bell gentilmente me concedeu o privilégio de mostrar o resultado do projeto *Bell-Y*. Nessa caixinha que vocês estão vendo, tem um "chip" com um cristal que apresenta três estados: vivo, morto e etéreo. Através de um processo químico, o cristal se desmaterializa, transformando matéria em energia, e após algumas frações de nanosegundos, a energia se materializa em cristal novamente. Quando ele se desmaterializa, gera uma grande quantidade de luz, e a energia produzida pela reação química é maior do que a necessária para a sua materialização. Assim, o processo, além de produzir luz, nos fornece um pouco de energia. O cristal tem uma vida útil de 18 anos. Resumindo, o chip, através da luz, conduz imagens e dados à altíssima velocidade e em grandes distâncias, chegando a superar duas voltas na terra. Já a energia produzida em excesso é suficiente para o consumo de 180 residências com geladeiras, micro-ondas, chuveiros etc.

"Tem mais... cada cristal tem uma identificação única, como um DNA. O limite máximo chega a 80 bilhões de identificações distintas.Mais detalhes vocês obterão com Paul, aí no Belagio. Convoquei uma reunião nas Nações Unidas para mostrar essa nova tecnologia e propor a cada país que distribua, através de um fundo que criaremos, esse equipamento para todo cidadão existente na face da terra. O impacto que ele causará na sociedade e as medidas a serem tomadas serão objeto de discussão nesta reunião. Obrigado!

— Obrigado, Sr. Presidente — responde Paul, indo em direção a um arranjo de flores, localizado à esquerda do centro do círculo, como se afastando para

dar lugar a alguma coisa.

Uma enorme projeção em três dimensões surge no centro do círculo.

Dessa vez, a imagem é conhecida de todos. Trechos do filme *2001 — Uma odisseia no espaço*.

Clarice se ajustou à cadeira e, imóvel, não acreditava no que estava vendo.

O som era perfeito, e a holografia, extremamente real. Sobre a sua cabeça, Clarice reparou que havia hologramas de pessoas desconhecidas, a cada segundo, uma pessoa aparecia acima das cabeças dos convidados, parecia um espelho.

Aquelas pessoas andavam de um lado para o outro, conversando e se misturando.

De repente, um vazio, e todas as imagens sumiram.

Novamente Paul tecla um outro botão, e várias telas de computadores aparecem, cada uma executando uma aplicação.

Paul falava com o aparelho, mas de onde Clarice estava, não dava para escutar. Talvez fossem comandos de voz.

O que era incrível é que Paul interferia nas execuções dos aplicativos. Em uma das telas, apareceu o noticiário da CNN, noutra, uma sala de bate-papo da Internet com as pessoas ao vivo.

Tudo era muito rápido, e as pessoas presentes murmuravam e comentavam, extasiadas com aquelas visões.

— Esse aparelho que está em minhas mãos não tem fio e nem baterias. Há, nele, um chip triangular com um cristal em seu centro, produzindo reações químicas mais ou menos parecidas com as que acontecem no

Sol. Aqui atrás, temos uma saída para ser ligada à caixa de distribuição de energia de uma residência.

Claro que isso é temporário. Em um futuro bem próximo, os aparelhos elétricos serão produzidos com o cristal da Bell. O automóvel será movido com essa mesma energia. Por enquanto, quem quiser dispensar as cias de energia, basta ligar esse aparelho à central de distribuição da sua residência.

Computadores, telefones e celulares também podem, a partir de hoje, se aposentarem.

Paul se afasta novamente, e surgem no centro as projeções de um esquimó, um chinês e um indiano fazendo conferência, cada um em sua língua, sendo que a plateia ouvia em inglês nitidamente.

Paul entra na conversa, e as pessoas passam a responder às questões formuladas. O objetivo era mostrar aos convidados que aquilo era real, sem magias ou truques.

— Esse mesmo aparelho que não desliga pode se comunicar com um outro aparelho em qualquer lugar do planeta, sem fios, satélite ou coisa parecida, teletransportando nossa imagem, som, documentos e objetos. A luz que é produzida pelo equipamento é de alta frequência, capaz de transportar trilhões de informações em duas vias. Enviando e recebendo. É um provedor de informações.

— Antes que alguém pergunte, os dados são armazenados em *bits* moleculares (*spin bit*) que possuem três estados: giram em sentido horário, anti-horário e repouso. Esse cartão aqui em minhas mãos pode armazenar todo o conteúdo da biblioteca da universidade de Yale. A estrutura molecular de armazenamento tem

vida útil de cinco anos. Os cartões são como os nossos antigos disquetes, podem ser trocados. A diferença é que cada aparelho possui cinco *slots* de leitura e gravação desses cartões, ou seja, cinco bibliotecas de Yale podem ser processadas simultaneamente nessa maravilha. Em nossa demonstração, só utilizei um. O sistema operacional e *softwares* desenvolvidos por vocês estão gravados na placa mãe do aparelho, impossível de ser modificado.

— Mais uma vez, antes de encerrar nossa reunião e partir para as perguntas, o aparelho custará, inicialmente, US$ 2.000,00, e o nosso objetivo é em menos de quatro anos estar custando US$ 250,00. Uma parte dos lucros na comercialização do equipamento será destinado a um fundo que será proposto pelo Sr. Presidente às Nações Unidas, para que ele chegue também aos excluídos da tecnologia. Alguém deseja fazer alguma pergunta?

Imediatamente, várias mãos se levantaram. Todos ali estavam perplexos e anestesiados. Clarice observou que Mariana, lá na frente, levantou-se e fez a primeira pergunta:

— Se entendi bem, esse aparelho, irá levar à falência muitas empresas e tirar trabalho de milhões de pessoas. Daqui um tempo, não precisaremos de empresas geradoras e transmissoras de energia. Não vamos precisar, ainda, das cias telefônicas. Vejo também que os provedores de Internet virarão pó. E as cias de petróleo, no que diz respeito aos combustíveis, também sofrerão impacto profundo. As bolsas de valores despencarão, os bancos e as cias de entretenimento, como televisão e cinema, também sofrerão com o ingresso

desse aparelho. Há um plano para resolver todos esses problemas?

Clarice conhecia o lado social de Mariana desde aquele jantar em sua casa. Embora tivesse alguma restrição ao jeito de Mariana, concordava com ela nas indagações. No fundo, Clarice vinha se preocupando com esse momento desde a primeira revelação de George. Era uma espécie de intuição.

— Esses problemas — responde Paul — foram levados ao nosso governo, que desenvolveu um plano de contingência para acalmar os mercados. O fundo que falei prevê um mutirão de capacitação para as pessoas que perderão seus empregos. O objetivo é transformar o trabalho antigo em um novo processo, utilizando essa tecnologia, que dará ao cidadão mais cidadania. Explico: hoje em dia, no mundo que vivemos, a tecnologia trouxe mais malefícios do que benefícios. Ficamos escravos dela, pagamos por ela e geramos uma sociedade de excluídos, tendo em vista o pagamento. Antigamente, quem quisesse luz, tinha o custo da vela que era democrático, só pagava quando as comprava. Hoje, toda tecnologia está atrelada à energia elétrica. É um componente vital na atual sociedade. A contrapartida é o pagamento mensal desse serviço. Assim também o é o celular. Com a adoção dessa maravilha, que é o projeto *Bell-Y*, as pessoas não mais terão essas contas mensais. Durante 18 anos, você não pagará mais pela energia e nem pelo telefone. Pensem na economia mundial. Todo esse recurso econômico disponível será transferido para outro setor. Acho que o de Lazer e o Turismo serão os mais beneficiados. O sistema bancário atual é mandatário e espoliativo. Sempre privilegiou

a especulação em detrimento da produção. Com esse equipamento, posso pagar meus serviços diretamente às concessionárias, sem a presença do vilão. A produção ganhará novo fôlego. Surgirão mais empregos diferentes na concepção, porém necessitando do ser humano para realizá-los. Na minha opinião, haverá uma adequação na mão de obra. A improdutiva sumirá, substituída pela produtiva, graças a essa nova tecnologia. O meio ambiente será preservado. As minas de carvão, os desvios dos rios e o petróleo serão repensados. Aí que consiste na revolução. Acredito ter em mãos aquilo que a sociedade procurou durante anos: acesso ao conhecimento com menos carga de despesas. O esquimó, na nossa demonstração, não estava ali por acaso. Nosso objetivo foi mostrar que não haverá mais a dependência energética. Qualquer um, em qualquer lugar da face da terra, poderá ter acesso à informação sem custo mensal. Não háverá mais provedores, mas amigos tecnológicos. Sinceramente, não possuo a bola de cristal para prever todos os acontecimentos. Mas uma coisa é certa, estamos diante de uma nova revolução, que eu diria, de cunho mais social do que tecnológico.

Um indiano levanta-se e dispara:

— Você falou em pagar as concessionárias sem a presença do banco. Como isso será feito?

— Como antigamente — responde Paul. — As concessionárias tinham serviços de recebimento. Com a expansão dos negócios e a impossibilidade geográfica de controle e locomoção, surgiu um novo serviço prestado pelos bancos que tinham filiais em quase todas as cidades. Por uma porcentagem nas cobranças, os bancos as recebiam e as creditavam nas contas das

concessionárias. Um novo custo foi inserido na contabilidade das distribuidoras de energia, elevando o preço ao consumidor. Todos esses novos serviços surgidos após a segunda guerra se destinavam a suprir a carência e dificuldade de locomoção. Todo sofrimento humano e a tecnologia inventada tinham um componente de comunicação. O ser humano precisa se comunicar, e isso tem um custo. Agora, o ser humano poderá se comunicar sem nenhum custo fixo. Todas as tarefas administrativas e de controle poderão ser executadas entre o prestador de serviços e o tomador dele.

Um chinês levantou-se e se dirigiu a Paul.

— E a saúde? Como esse aparelho pode ajudar nessa área?

— Esperávamos de vocês essa pergunta. Como o sistema renderiza as imagens holográficas, ele teletransporta sua aparência para o receptor. Essa função do sistema poderá oferecer uma varredura molecular tal qual se faz com os aparelhos de ressonância magnética. Poderemos mostrar aos médicos as reações magnéticas contidas nas imagens projetadas. Uma polêmica que essa tecnologia induz é o acompanhamento médico. O sistema está preparado para, desde o nascimento da criança até sua velhice, registrar todos os fatos alimentares, hábitos e disfunções cometidas pelo paciente. A ciência terá pesquisas extremamente facilitadas pela Inteligência Artificial. Diria que essa tecnologia vem a eliminar o intermediário que detinha o conhecimento da oportunidade. Criamos uma série de empresas oportunistas que nada produzem. Será uma nova revolução sem precedentes na história do mundo.

Clarice tinha certeza de que essa nova revolução

iria trazer de volta o verdadeiro ciclo observado pela humanidade desde a sua existência: a oscilação entre a liberdade extrema e o extremo autoritarismo.

Ia novamente se materializar dentre as muitas revoluções em marcha do período. As democracias iriam agonizar com a degradação da sociedade face à liberdade excessiva. Nasceriam novas sistemáticas de gestão social amparadas em lideranças e conselhos mundiais, nas quais a liberdade teria suas entranhas amputadas para proteger uma sociedade de cunho tecnológica, em que os sistemas e os dados estariam em todas as relações humanas controladas pelo estado único universal a ser instalado durante a percepção da revolução.

O Projeto *Bell-Y* viria a colaborar com a extinção da espécie política. A sociedade escolheria projetos, os seus respectivos autores e executores para o suporte estrutural dos humanos. Um grupo, por exemplo, poderia apresentar um projeto de segurança para uma determinada região, com todos os elementos necessários para a sua realização, prazos, recursos etc. O povo daquela região votaria nesse projeto, e se fosse o vencedor dentro dos projetos de segurança da região, seria executado pela equipe autora acompanhada por uma empresa de seguros que garantiria a realização do projeto.

Outro grupo poderia apresentar um projeto de Lei para um determinado tema, e o povo votaria no projeto, nunca no indivíduo.

Tudo através da rede neural de computadores. Dessa forma, a figura do político transformar-se-ia na função gestora de projetos.

Clarice, com absoluta certeza, sabia da extinção dos

cargos de vereadores, prefeitos, deputados, governadores, senadores, tribunais eleitorais e o supremo tribunal federal. Os estados seriam aniquilados conceitualmente, deixando a figura do município com seus respectivos gestores de projetos.

Os países seriam consolidados em uma única unidade denominada "House of All", liderada pelas pessoas mais ricas do planeta, que iam gerir os sistemas mundiais através da inteligência artificial, utilizando o resultado do projeto *Bell-Y*, onde os princípios de liberdade seriam reduzidos ao extremo, produzindo uma sociedade utópica dividida entre os que produziam intelectualmente e os escravos tecnológicos a serviço do sistema central. A moeda será digital, sem um banco central, o próprio sistema mundial de computadores seria o controlador da sua emissão, distribuição e controle.

Ao nascerem, pensava Clarice, *os indivíduos receberiam nanos robôs Bell-Y, cujo propósito seria o escaneamento e identificação do corpo humano e seus componentes, enviando sistematicamente os resultados aos neurônios das inteligências artificiais disponibilizados pela "House of All"*.

Todo histórico de cada indivíduo estaria armazenado nos bancos de dados neurais.

Os sistemas de inteligência artificial apurariam os indicadores de felicidade de determinados grupos sociais. O objetivo seria de manter a sociedade de forma equilibrada nesse quesito.

As plantações mundiais seriam determinadas por sistemas inteligentes conectados às variações climáticas, estudo de solos e das estações do ano. Esses

sistemas escolhiam qual produto plantar em determinada região e em qual época. Não haveria fome no planeta.

O crescimento populacional seria rigorosamente controlado pela *House of All*.

Também haveria controle de nascimentos indevidos ou indivíduos com produtividade reduzida por necessidades especiais. Nesses casos, seriam enviados para os centros de educação para indivíduos inaptos.

Clarice sabia que surgiriam grupos autoisolados da sociedade regente que iriam minar os sistemas em execução utilizando técnicas de invasão digital para desorganizar a ordem, provocando o caos.

Esses grupos seriam combatidos diuturnamente pelos agentes robóticos produzidos e dispostos nas regiões de contravenção para a anulação desses ataques.

A sociedade seria mantida em um cativeiro mundial amparada por um sistema escravagista tecnológico imperceptível pela espécie.

Todos seriam felizes compulsoriamente, infelizmente!, pensava Clarice.

A ignorância reinaria em todo o planeta. A espécie seria reduzida à subserviência da tecnologia. A única esperança estaria nas mãos dos insurgentes, que combateriam incessantemente os detentores do poder estabelecido.

O planeta não seria mais o mesmo, conjecturava Clarice. O projeto *Bell-Y*, majestoso e maravilhoso, por um lado, daria o tom da extrema crueldade que viria. A quem caberia essa decisão?



Esta e outras obras em:
www.editoraviseu.com

instagram.com/editoraviseu
facebook.com/editoraviseu
twitter.com/editoraviseu

Nós conectamos pessoas apaixonadas por escrita e leitura. Que tal publicar sua obra?
Envie seus originais para nossa avaliação:
originais@editoraviseu.com

Contatos:
sac@editoraviseu.com

Este livro foi composto em Minion Pro.
Impresso pela Editora Viseu.